

Порт
V 974

VOYTCЖÓK



MARUSSIA

MARKÓ VOWTCHÓK

MARÚSSIA
NOVELA HISTÓRICA

Sociedade dos Amigos da Cultura Ucrânia
Curitiba

Companhia Brasileira de Artes Gráficas

Rio de Janeiro
1988

Tradução do Ucrainiano e Prefácio: Wira Selanski

Revisão: Rui Capdeville

Consultas históricas e léxicas: Nikolas Hec

Série VERTÉP:

1. Ghryghory Skovorodá: FÁBULAS (1978)
2. Tarás Chewtchenko: O SONHO (1980)
3. Iván Frankó: MOISÉS (1981)
4. Vassyl Stefanyk: CRUZ DE PEDRA (1982)
5. Léssia Ukrainka: DON JUAN (1983)
6. CONTOS POPULARES UCRANIANOS (1983)
7. Mykhailo Kotsiubynsky: SOMBRAS DOS ANCESTRAIS ESQUECIDOS (1985)
8. Markó Vowtchók: MARÚSSIA (1988)

Capa: WW

© Wira Selanski e

Sociedade dos Amigos da Cultura Ucráína



MARKÓ VOWTCHÓK (1833-1907)

MARKÓ VOWTCHÓK (1833-1907)

Markó Vowtchók (pseudônimo de Maria Oleksandriwna Vilinska), a George Sand ucraniana, pertence ao Romantismo tardio. Talentosa, independente, simpaticante dos círculos democratas, defensora fervorosa da causa dos camponeses escravizados e do *status* social das mulheres, irrequieta viajante da Europa, estudiosa de muitos idiomas e muitas literaturas, ela representa um tipo romântico de mulher ideal. Era trilingüe desde a nascença: do lado paterno pertencia a uma família ucraniano-polonesa; do lado materno, a uma família de fidalgos russos. Adquiriu conhecimentos consideráveis num dos institutos particulares de Kharkiw, mas aprendeu muito mais como autodidata, e manteve relacionamentos de amizade com os mais ilustres nomes da intelectualidade nacional e internacional da sua época, entre eles Tarás Chewtchenko, Panteleimon Kulích e Ivan Turgueniev. Mais tarde, casada com o famoso etnógrafo ucraniano Opanás Markovytch, passou a viver na Ucrânia (em Tchernyghiw, Kyiw e Nemyriw), encantando-se pela riqueza do folclore ucraniano, colecionando cantos, provérbios, e anotando o tesouro inesgotável da língua ucraniana, tolhida na sua manifestação escrita pelo tzarismo russo. Em 1855, com a morte do tzar Nicolau I, a Literatura Ucraniana vive um período de desafogo. É nessa época que surgem publicações como ANOTAÇÕES DA UCRÂNIA, de P. Kulích (uma antologia de material etnográfico) e CONTOS POPULARES, de Markó Vowtchók, entre outros. Tarás Chewtchenko prezava muito sua obra, considerando a escritora sua filha epiritual e recomendando-a para leitura àqueles que pretendiam aprender bem o idioma ucraniano.

Na coletânea CONTOS POPULARES de 1857 foram incluídas 11 pequenas narrativas: IRMÃ, ODARKA, A COSSACA, TCHUMAK, O SONHO, GHORPYNA, O RESGATE, A SOGRA, PADRE ANDRY, MAKSYM GHRYMATCH e DANYLO GHURTCH. Markó Vowtchók era escritora, tradutora e crítico literário. Sua obra original abrange sete volumes de romances, novelas e contos, entre os quais se destacam: A PUPILA DE INSTITUTO, GHAYDAMAKY (camponeses-justiceiros contra os fidalgos poloneses na Ucrânia, no século XVII), TRÊS DESTINOS, PAULÓ TCHOR-NOKRYL, DE TI MESMO NÃO FOGES e uma série de narrativas menores: NOVE IRMÃOS E A DÉCIMA IRMÃ GHALA, KARMELÚK, A CATIVA, O URSO, LYMERIWNA, A AVENTURA DO DIABO, O SACRISTÃO, e outras.

A novela MARÚSSIA, traduzida para o Francês em 1875, recebeu o prêmio da Academia Francesa de Letras e foi recomendada pelo então Ministro de Educação na França para as bibliotecas escolares.

Esta novela foi escrita tendo como fundo acontecimentos históricos de 1668, quando a Ucrânia era chefiada por dois ghetmans antagônicos: a parte ocidental, almejada pela Coroa polonesa, por Petró Dorochenko, que buscava apoio no sultão turco contra os poloneses, e a parte oriental por Iván Briukhovetsky, manejado pela nobreza russa. O povo, principalmente a Ordem dos Cossacos de Zaporija, sofrendo com os invasores estrangeiros, almejava a união e a libertação da Ucrânia. O lenço rubro simbolizava estes anseios.

Os tempos heróicos passados eram temas prediletos do Romantismo. As figuras principais aparecem, em MARÚSSIA, altamente idealizadas. A Ucrânia brilha em cores irisadas, emprestando à narrativa um clima lendário.

MARÚSSIA

O que hei de contar a vocês passou-se em tempos remotos na Ucrânia, num recanto bem afastado, de tal modo que até hoje não é conhecido no mundo. A avozinha que mo contou afirmava que nestes recantos aconteciam, em quantidades, grandes feitos nobres, tanto quanto há flores garbosas. E contou aquela avozinha — ela era bem idosa, viveu muito neste mundo ensolarado, muitas coisas viu e passou por tantas outras — que nada na terra pode ser comparado com aquelas flores que brotam nas selvas, nem com aqueles feitos encobertos pelo matagal.

“Os séculos avançam e passam”, dizia ela, “e as flores garbosas e frescas encantam o olhar com seu esplendor, como os desconhecidos feitos altivos consolam amorosamente o enternecido coração humano.”

I

Em tempos remotos havia na Ucrânia uma fazenda, onde vivia o cossaco Danylo Tchabán com esposa e filhos.

A fazenda onde moravam era tal que a pessoa mais exigente não desejaria uma melhor. Ela foi herdada por Danylo, passando pelas mãos de, Deus sabe quantos ancestrais. E é bem sabido por todos que, onde se estabelecem um ucraniano com uma ucraniana logo aí floresce um pomar de cerejeiras junto à casinha branca, toda a espécie de flores rescende, veredas sinuosas serpenteiam pela estepe e pelo bosque e cantos melodiosos se espalham, — então, podem imaginar aquele pomar, mimado por tantas gerações dos Tchabán aquela variedade de flores, a quantidade de recantos bem-cuidados na estepe, na floresta e no prado vizinho, como aquela riqueza de cantigas!

Além de tudo, o próprio Deus colocou a fazenda entre a planície e a mata, entre o rio e o prado, entre o monte e o vale; de um lado estendia-se a estepe até perder-se de vista: verde, ilimitada, cheirosa, coberta pelas ondas de plantas; do outro lado levantavam-se montes ao céu, ora adornados pelas árvores e relva macia, ora pedregosos, desnudos. Um vale belíssimo, inteiramente inabitado, sem vestígio de caminhos, floria feliz do terceiro lado, e do quarto, o rio ora fazia rolar suas águas pelo prado a nível de suas ribeiras macias, refletindo nas águas só o céu com seus luzeiros e a borda de caniços elásticos, ora caía entre duas rochas e bramia sob sua enorme arcada.

Meu Deus, como era bela uma manhã de verão ao nascer do sol: o prado luzia em gotas de orvalho; a ave, que se mantinha escondida nos juncos, esvoaçava

para fora; e um leve véu de neblina elevava-se sobre o rio! Meu Deus, quão doces eram, no vale bem-aventurado, aos primeiros raios do sol, os primeiros perfumes matutinos do capim e das flores! E os montes refrigerados pelo silêncio noturno, dourados pela luz e resplendor! E as matas, sussurrando baixinho com a folhagem! E a infinda estepe, coberta inteiramente, ora pelas sombras, ora pela inundação da luz!

Assim era a manhã, mas e o dia? O dia, quando tudo na natureza desperta e vibra no pleno incêndio da luz, da vida e do lidar! Como murmuravam, então, as matas frescas, como resplandecia o vale ditoso! Quanto enternecia as gentes a estepe esplendorosa e como agia na alma humana o bramido do rio fundo, com o tremor do caniço sonoro!

E a tarde? Calma tarde rosada, que envolve a terra com sombra e aragem! E as estrelas que se derramam no céu, e a luz sobre o horizonte — uma nesga de luar sobre a estepe escura, matas prateadas pelo brilho, copinhos de flores noturnas no vale, meigamente iluminadas pelos raios lunares! As estrelas ardem nas profundezas do rio e chapinham baixinho em córregos; uma montanha já está envolta na névoa, a outra ilumina-se, qual uma clara chama na casinha que se afunda no meio do pomar fluorescente!

Além desta grata vizinhança do prado macio com o rio fundo, dos montes altivos e do vale coberto de flores, da mata sussurrante e da estepe ondulada, havia ainda a vizinhança da boa gente de descendência cossaca.

Cada dia santificado sem falta, ou a própria família dos Tchabán ia fazer alguma visita, ou tinha que aguçar a vista para reconhecer quem estava avançando pelo caminho da estepe em direção à sua casa: Semén Vorochylo, Andry Kruk... ou, ouvindo-se uma conversa animada, saber se era preciso ir ao encontro da alegre e bela moça Ghanna, que caminhava à frente de outras jovens e senhoras, coroada com uma grande grinalda de cores vivas, feita no caminho; ou se elas tiveram que ficar aguardando na margem a chegada da frágil canoa de Iván Ghrim.

Porém, qual a vantagem de enumerar todos os amigos, para que contar todos os seus divertimentos e jogos, encontros amáveis, gentis acolhidas, ternas despedidas? Entre estranhos, o divertimento mais querido pode parecer o mais enfadonho; é notório que, às vezes, nenhuma brincadeira ou diversão, por mais atraente, podem ser comparadas com a conversa em voz baixa de bons conhecidos, e que as coisas magniloqüentes não compensam o companheirismo silencioso de um amigo fiel e constante. Parece-me que seria mais justo afirmar que na fazenda a vida era muito bela, tão bela que ninguém teria a idéia de mudá-la em qualquer que seja de seus aspectos, ninguém desejaria enfeitá-la ainda mais.

Porém, a vida humana, como dizem, não é uma estrada simples, reta e lisa. Quantas valas, quantos barrancos, quantas aventuras as mais diversas apresenta!

Quanto mais cheirosa e fresca uma flor, tanto mais rápido estendem-se as mãos sobre ela e por sua beleza a colhem. Era linda a Ucrânia, mas os tártaros e diversos outros inimigos avançavam sobre ela, rasgando-a, superando um ao outro em burla, voracidade e traição.

Havia muitas batalhas sangrentas e ferozes, graves reviravoltas, tristes e terríveis acontecimentos, — por muito tempo poder-se-ia comentá-los. Sob Boghdán Khmelnytsky — espero que todos vocês tenham ouvido falar e saibam que grande ghetman ele era! — a Ucrânia parecia desafogar-se, mas logo em seguida, após sua morte, recomeçaram tantos motins, tanta confusão que, contam, os olhos mais duros choravam e as cabeças mais lúcidas ficaram aturdidas.

A nação ucraniana dividiu-se em grupos: uns apoiavam a Moscóvia, outros os poloneses, ainda outros eram amigos dos tártaros. Como infelizmente com freqüência acontece, à causa comum misturaram-se ambições pessoais, começaram brigas e finalmente se deu aquilo de que diz o provérbio: "Atrelaram os cavalos para ir na linha reta, mas foram pelo caminho torto."

Numa noitinha, reuniram-se várias visitas na casa de Danylo Tchabán. A noitinha estava tranqüila, escura; as visitas mantinham-se taciturnas, pensativas e sóbrias, nem precipitadas, nem alegres. Conversavam mais com os olhos de que com as palavras. A todos envolviam os mesmos pensamentos, no coração de cada um pesava a mesma preocupação. Às vezes dirigiam-se a Andry Kruk com uma pergunta sobre a cidade de Tchyghyryn, e quando conversavam sempre voltavam a mencioná-la.

Era evidente que Andry Kruk conhecia aquela cidade: ele respondia sem gaguejar, parecia pintar no seu relato suas muralhas, ruas e trincheiras.

As mulheres escutavam, preocupadas, a conversa dos homens, e quando a conversa parava e novelos de fumaça principiavam a envolver os rostos bigodudos, elas sussurravam umas às outras. Naquele sussurro sempre eram mencionadas batalhas, cidades queimadas, aldeias arrasadas e a gente tombada nas lutas. As faces das mulheres empalideciam cada vez mais e nos seus olhos brilhavam lágrimas.

Uma velhinha estava sentada imóvel, como petrificada; só de vez em quando, calando-se os outros, ela parecia acordar, repetindo:

— Os meus dois se foram. Eu os pus a caminho.

— O teu também partiu? — perguntou uma jovem à companheira; na sua face pálida e na animação febril era visível que ela própria, havia pouco, tinha despedido o “seu”.

— Partiu. Ontem à tarde nós...

Ela queria contar algo, mas seus lábios tremeram e nada disse; a sua amiga não perguntou mais nada.

As crianças não se expandiam, não faziam artes: aconchegavam-se em qualquer canto e com faces enuviadas entregavam-se também a seus pensamentos, ou, sentadas junto aos adultos, aguçavam os ouvidos e pareciam captar cada olhar, memorizar cada palavra.

Apenas uma visita minúscula de cabeleira loira com grandes olhos brilhantes e lábios rubros, continuava diligentemente no seu trabalho: de fervor e preocupação até mostrava a ponta da pequena língua e, inclinando para o lado a cabecinha, amarrava uns feixinhos de grama.

Caía a noite, na casa tudo se aquietava cada vez mais. A visita mirim já tinha deixado cair das mãos seus feixinhos, ela própria como um feixe estava deitada aos pés de sua mãe num sono profundo, envolvida pelas mechas longas de claro cabelo anelado.

Lá fora estava tudo escuro, e dentro de casa tudo silenciava. De repente alguém bateu na janela da sala.

Isso aconteceu tão de supetão, que no princípio ninguém acreditou. Porém a batida se repetiu uma, depois outra vez, e era precisa, clara, forte.

O fazendeiro levantou-se do lugar e foi abrir a porta; os convidados fumavam tão sossegadamente quanto antes seus cachimbos; as mulheres ficaram com medo, as crianças tremeram.

Danylo entreabriu a porta perguntando quem batia. Respondeu uma voz, de cujo timbre cantou a janela, que um peregrino cansado pedia licença para se refazer na morada do generoso dono.

Danylo respondeu: “Faz favor” e largamente abrindo a porta pediu ao peregrino para entrar.

Pela porta aberta entrou o ar perfumado da noitinha, e por um instante reluziram algumas estrelas pálidas; depois a porta foi tapada por uma gigantesca figura humana, por todo os cantos soou um “Deus lhe dê graça” e, inclinando profundamente a cabeça, o peregrino entrou na casa com seus poderosos ombros de lado.

Se na sala houvesse pessoas de índole medrosa ou menos calma, de certo ficariam perturbadas e não saberiam como fugir deste peregrino. Apesar de que na

Ucrânia uma altiva, esplendorosa beleza cossaca não seja coisa rara, era difícil encontrar um homem igual àquele que acabou entrando na casa de Danylo Tchabán. Este gigante, de estranha boa aparência e elasticidade de serpente, esta severa face queimada de sol com olhos chamejantes mostrava-se alerta a tudo, e ao mesmo tempo refletia uma livre e segura calma, embora pudesse forçar alguém a tremer.

No entanto, na casa de Danylo reuniam-se pessoas lentas de se assustarem; o peregrino cansado foi devidamente saudado; pediram-lhe para se sentar e ele foi servido com o que Deus mandou.

O peregrino mostrou-se reto e modesto, honesto e simples. Como um homem de passagem, desconhecido por todos, ele não se exhibia e ao mesmo tempo não escrutava com os olhos cada recanto da casa hospedeira, não indagava com astutas perguntas vazias sobre a vida doméstica, — nada disso. Mesmo conduzindo a conversa, referia-se a assuntos comunitários, que a todos então interessavam e comoviam: sobre o banditismo inimigo, a ruína e a devastação da Ucrânia, sobre explorações e violações que via no seu caminho; perguntou ao fazendeiro se aquela região estava por enquanto calma e se os caminhos circundantes estavam seguros.

O dono da casa, como seus visitantes, tiveram uma atitude discreta: olhando um tal peregrino, certamente afluíam-lhes à cabeça perguntas com as quais a língua fortemente coçava: de onde ele era e para onde ia? Por quantas montanhas e por quantos vales passou, por cansar tanto seu forte corpo? Será que caminhava por promessa, por necessidade, ou por vontade própria? Onde nasceu e foi batizado, já que falava do turco infiel, como sobre um animal freqüentemente captado, sobre os poloneses como sobre senhores experimentados por ele, e sobre os moscovitas como sobre nobreza bem sondada? Ele, de certo, conhecia um tanto a Sitch Zaporoga e via a Ucrânia inteira, de ponta a ponta.

Porém, ninguém molestava o peregrino e ninguém se desonrou com uma pergunta sequer, seja traiçoeira ou sincera. Conversando, só olhavam a ele e suas vestes

camponesas, refletindo consigo mesmos onde se acharia aquele campo pacífico, cuidado pelos seus braços, no qual ele recebeu uma grande cicatriz sobre a face inteira, do nariz aquilino até a orelha atenta.

À medida que a conversa progredia, o peregrino ia ficando mais eloqüente: podia ser que ficasse estimulado pela atenção de todos os presentes e pela muda compaixão; ele principiou a descrever tão vivamente, com cores tão vibrantes, as recentes batalhas, que todos prendiam a respiração, como se vissem com os próprios olhos os verdadeiros massacres. Os cossacos, aparentemente sossegados, tornaram-se fogosos, as mulheres exclamavam e choravam, as crianças, tendo perdido o sono que tudo vence, no meio delas aquela de lábios semiabertos e olhos largamente rasgados, permaneciam imóveis nos seus lugares, como enfeitiçadas.

De súbito soaram agudamente dois tiros de pistola seguidos. Todos na casa ficaram quietos e aguçaram os ouvidos. Os tiros soaram distantes, do lado da estepe, e novamente espalhou-se uma calma pacífica, como antes. O silêncio se alongava, mas não se ouvia mais som nenhum além do sopro do ar perfumado nos ramos floridos do pomar que contornava a casa.

— Até a sua fazenda chega esta voz — disse o peregrino.

— Será que é da estrada de Tchyghyryn? — perguntou a si mesmo Andry Kruk.

— Ouve-se de todos os lados! — respondeu o fazendeiro.

Neste ínterim as mulheres começaram a despedir-se da esposa do fazendeiro, partindo para suas casas. Umaz conduziam, outras carregavam os filhos. Entre as mulheres havia velhas e jovens e ainda muito novas, mas nos seus rostos mais diversos percebia-se, quando a luz ofuscante os iluminava na despedida, a mesma vontade indomável que com traços de fogo se refletia nas faces dos maridos. A casa afundou-se no perfume do florido pomar, onde a trêmula luz do candeeiro se espalhava nos rostos bigodudos. Na soleira da porta semiaberta a figura do

fazendeiro acompanhava com os olhos as visitas, as quais silenciosamente sumiam pelos caminhos circundantes; o sítio que continuava na estepe — por nenhuma parte havia cercado ou barreira além do sussurro das árvores — tudo parecia um idílico quadro de aldeia, mas este quadro respirava, dir-se-ia, alguma específica, muda e silenciosa força severa.

De visitas sobraram apenas Andry Kruk e Semén Vorochylo.

III

— E como chegar agora até Tchyghyryn? — perguntou o peregrino, baixando a voz, como em geral faz um homem de tempos inseguros, principiando a conversa sobre algo importante para si.

— É bastante difícil, — respondeu o fazendeiro. — Há bandos poloneses por toda a parte.

Os amigos do dono da casa soltaram em silêncio enormes novelos de fumaça pela boca, levantando de leve as sobranceiras espessas, e tudo isso sem palavras dizia claramente que seus pensamentos concordavam plenamente com os do fazendeiro.

O peregrino fincou o olhar nos traços falantes, passando-o de um rosto honesto para outro.

O mero olhar destes fogosos olhos atentos dizia quantos perigos já experimentaram, quantas dificuldades já venceram e que tinham por costume de encarar o mal, assim como possuíam coragem na luta com as aventuras.

— Meu caminho vai direto a Tchyghyryn, — disse o peregrino.

— Direto agora até lá nem um corvo consegue voar, — comentou Andry Kruk.

— É longe daqui a Tchyghyryn? — perguntou o peregrino.

— Seria melhor que fosse “longe e leve” do que “perto e pesado” — retruccu Vorochylo, e Andry Kruk olhou mais atentamente para o peregrino, como o fazendeiro para Andry Kruk.

— A gente peregrina não pode escolher caminhos; — disse o viajante, — mesmo sendo, às vezes, um caminho áspero, deve segui-lo . . . Uma sorte quando se encontra um bom companheiro, senhores! Digo-vos: tive

um bom companheiro; era meu bom conselho e meu cordial apoio . . .

Com as últimas palavras do peregrino algo especial passou pelos rostos de seus ouvintes.

— Certamente, — disse o dono, — bons companheiros são melhores do que riquezas!

— Poloneses têm famosos senhores, turcos — sultões, moscovitas — tzares, e nós temos irmãos, — disse Andry Kruk.

— Nem cada senhor é conhecido pela casaca! — disse Vorochylo.

— É mau aquele padre que lembra festas passadas! — respondeu o peregrino, envolvendo-os com os seus olhos fogosos.

Responderam-lhe com olhares não menos coniventes. Um certo tempo se prolongava esta conversa muda, mas tão loquaz que não exigia mais palavras: reconheceram-se uns aos outros.

— Da Sitch Zaporoga os companheiros enviam cumprimentos! — disse o peregrino. — Eu sigo como embalador a Tchyghyryn.

— Somos vossos fiéis amigos e servos, — responderam-lhe os cossacos a uma voz só.

— Eis que um aliou-se com Moscou e o outro faz negócios com a Polônia e chama turcos para a ajuda. Tempo maldito!

Profunda tristeza enevoou o rosto do cossaco. A ansiedade, coberta por uma despreocupação postiça, veio à tona e manifestou-se com toda a sua intensidade.

— Tenho que chegar a Tchyghyryn, — disse o zaporogo, depois de silenciar um pouco.

— Todos os caminhos estão cortados.

— E a Trilha dos Hunos?

— Nas mãos deles.

O cossaco ficou pensativo, mas via-se que não tinha ficado triste pela esperança enganada, nem assustado pelas dificuldades, porém que simplesmente procurava na cabeça outros meios e recursos para melhor conseguir a meta almejada.

— Escutai, companheiros, — disse ele depois de ter pensado. — Tenho que chegar até Tchyghyryn para

falar com o ghetman Petró Dorochenko. O assunto não se refere a uma pessoa e sim à Ucrânia inteira... Se eu me atrasar em Tchyghryn, então...

O zaporogo voltou o olhar para todos os lados. A mulher do fazendeiro não estava no cômodo, as crianças dormiam sentadas, e ele já pretendia continuar seu discurso, quando, de repente, encontrou dois olhos embebedos nele, quais dois enormes diamantes que ardiam de compaixão e atenção. Estes olhos brilhavam de um recanto escuro da sala, e só reparando cuidadosamente o cossaco pôde perceber uma bem-feita figura de menina, que imóvel se destacava na sombra; ela apoiou-se nas mãos dobradas, esticando a cabecinha e arregalando os olhos — assim ficou arrefecida, escutando.

— É minha pequena filha, — disse o fazendeiro, seguindo o olhar do cossaco. — Marússia, venha para cá!

Marússia chegou perto do pai. A luz brilhante bateu direto no seu rosto e derramou-se sobre todo seu corpo esbelto. Era esta menina uma verdadeira ucraniana, de escuras, aveludadas sobrancelhas, com faces queimadas de sol, com uma blusa bordada de mangas largas, de saia justa, azul-escuro, e um cinto vermelho. O cabelo loiro farto era trançado, sendo um pouco ondulado e lustroso como seda. Na cabeça trazia uma grinalda de flores; algumas estavam já murchas, outras ainda frescas, rescendendo de leve.

— Marússia! — disse o pai. — O que ouviste da nossa conversa?

— Tudo, respondeu Marússia.

— O que foi?

— É necessário ir a Tchyghryn, — disse, — até o senhor ghetman!...

— Escuta, filha, — disse o pai seriamente, em voz baixa. — Aquilo que escutaste não conta a nenhuma alma viva, como se não tivesses ouvido. Entendes?

— Entendo, pai! — respondeu Marússia.

O pai não repetiu mais o aviso, nem Marússia prometia algo mais, porém não havia dúvidas sobre a inabalável sinceridade da menina.

— Não deves escutar nossa conversa, Marússia, — disse Danylo. — Vai chamar a mãe do pomar. Dize-lhe que teus irmãos adormeceram.

Marússia obedientemente dirigiu-se à porta, mas neste instante percebeu-se um galope de cavalos — parecia um bando inteiro de cavalaria —, ouviram-se vários vozeirões vociferando e o pálido, qual a morte, rosto da fazendeira apareceu à porta.

— Um bando de cavaleiros... vem diretamente à nossa casa, — disse. — Já estão aqui!...

— Perdida a causa! — surdamente exclamou Danylo.

O zaporogo levantou-se segurando o gorro na mão. Os cossacos calaram-se. Não houve a menor precipitação, mas sentia-se que os pensamentos estavam bem tensos em cada um e que mil planos e estratégias reviravam cada cabeça.

A dona da casa fechou a porta de fora para o vestíbulo e do vestíbulo à sala e ficou de pé, sem tirar os olhos do marido, aguardando seu mando, sua ordem. Junto dela, do mesmo modo pálida e perturbada, estava Marússia.

— Vocês devem ir dormir! — disse Danylo aos cossacos. — Tu, faze algo, costura! — ordenou à mulher. — Eu fui à casa dos amigos ainda de dia... Os cossacos vieram olhar os bois que estão negociando comigo...

— Existe uma saída da casa para a estepe, — dirigiu-se ele ao zaporogo. — Vem atrás de mim!

Tudo isso foi dito rapidamente e logo executado ainda mais depressa do que se pode descrever com palavras. Num instante os dois cossacos, tendo colocado embaixo de suas cabeças gorros e cachimbos, estavam deitados nos bancos e dormiam um sono invejável; a luz brincava nos seus rostos e nem um pouco incomodava seu repouso profundo: sua respiração era tão pacífica que poder-se-ia contar o tempo por ela, como num relógio. A dona da casa inclinou-se sobre o seu trabalho, Marússia da mesma maneira, e ambas diligentemente se afundaram na sabedoria das mangas bordadas.

Danylo com o zaporogo rapidamente passou o vestíbulo escuro e fechou atrás de si a porta para a sala-de-estar.

IV

Neste meio tempo o bando já tinha chegado e estava diante do alpendre: dentro da casa ouviam-se claramente o relinchar dos cavalos e as disputas dos cavaleiros; depois alguns homens saltaram dos cavalos, martelando em seguida contra a porta, e alguém de voz grossa gritou:

— Abram logo!

A mulher do fazendeiro não conseguiu levantar-se e perguntar quem era, quando a porta pouco faltava que saltasse das dobraduras do golpear renovado, e um vidro de janela quebrado tiniu pela casa, caindo para dentro no chão, junto com a moldura. Uma carranca com bigodes espetantes e largos ossos faciais espiou para o interior, escrutando tudo rapidamente, suspeitosa e desconfiada, gritando:

— Por que não abres? ... Por que não abres? ...

A fazendeira deixou cair seu trabalho, mas permanecia ainda indecisa no mesmo lugar.

— Abra! — vociferaram ao mesmo tempo algumas vozes cruéis, e a porta vibrava tanto dos golpes que a casa inteira ficou sacudida.

A dona abriu a porta. O bando de soldados estrangeiros irrompeu na casa com alarido e algazarra, lançando-se a vasculhar todos os cantos.

A fazendeira, reunindo em torno de si os pequenos acordados de supetão, espantados e assustados, que com olhos cheios de lágrimas acompanhavam atentamente toda aquela precipitação, mantinha-se de lado e indiferentemente assistia como todos seus utensílios domésticos, todo seu bem caseiro, era jogado no chão, quebrado e inutilizado.

Enquanto uns não descolavam de Andry Kruk, infligindo-o com perguntas, ele bocejava de boca aberta em vez de responder e, como aturdido pelo sono, balançava-se para ambos os lados igual a um casaco no cabide movimentado pelo vento; os outros davam socos contra as costelas de Semén Vorochylo, que se levantava, olhava-os, tendo-os por compadre Gharasym ou compadre Yawdokym, caindo novamente no banco, como baleado.

— É ele! É o próprio! . . . Não, não é ele! É ele! . . .
— berrava o bando de soldados, discutindo e sacudindo ambos os cossacos.

— Onde está o dono da casa? . . . Quero ver o dono!
— vociferava fora de si o comandante.

— Foi ainda pela manhã visitar um amigo, — respondeu a fazendeira.

— Foi fazer uma visita? . . . Mostrarei a vocês a visita! Traidores! Rebeldes! . . . Que homens são estes?

Em vez de aguardar resposta, ele primeiro chicoteou com toda a força a Kruk, depois a Vorochylo e com tal aspecto aproximou-se da fazendeira que ela recuou, como diante de uma fera raivosa.

— São pessoas conhecidas, — respondeu ela, vencendo, depois de seu gesto involuntário, sua confusão.
— Vieram fazer um negócio conosco e aguardam meu marido.

— Sim, sua graça, — respondeu Andry Kruk, levantando-se, como se espantasse o resto do sono, — viemos negociar os bois e não encontramos o dono da casa. Pois bem, disse eu ao compadre, a este aqui — explicou, apontando para Vorochylo, que também espantava a sonolência e obedientemente passava os olhos por todos os rostos, evitando fitar os olhos que de todos os lados fitavam a ele e a Kruk. — Pois bem, digo-lhes . . . O dono não está em casa, compadre, o que achas? Se não está, não há remédio . . . Não se pode culpar uma ausência . . .

— Deixa de enrolar, bobo campônio! Vocês são espartos, nós os conhecemos! Amarra-os! — gritou para os seus, que se lançaram logo sobre os dois cossacos como gaviões famintos.

Justamente naquele instante abriu-se a porta e Danylo entrou em casa.

— Quem és? — berrou o comandante, atirando-se em sua direção.

— Em tempos passados, os homens desta terra me chamavam de dono! — respondeu Danylo.

— Hê, vocês! Colocaram sentinelas junto à fazenda? Não durmam, ouviram?

— Se tens amor à vida, recomeçou o comandante, voltando-se para Danylo que estava de pé à sua frente, — responde logo e sem embromação: onde está o rebelde cossaco? Responde direito!... Se não, farei pó de ti!

Isso foi dito com arrogância, gritando. Danylo olhou a figura corpulenta à sua frente que mal lhe chegava ao ombro cossaco e disse tranqüilamente:

— Não conheço nenhum cossaco rebelde!

— Queimarei tua casa! Não te deixarei nem um rastro dela! Ouves?

— Vossa vontade e vossa força, — do mesmo modo tranqüilamente respondeu Danylo.

— Ele não nos escapa! Não vale a pena esquentar-se à toa, — disse um outro, aparentemente oficial, que, mal chegando à casa, acomodou-se no banco e fumava um cachimbo de bocal de âmbar. — Não comemos desde manhã, — acrescentou reclamando e suspirando.

— O que há de comer? — vociferou zangado o superior, lançando-se de repente em várias direções e farejando o ar. — O que tens? Traze para cá! Serve!

Ele batia com os pés e martelava com seu sabre na mesa.

— Mulher! — disse Danylo. — Apressa-te com a ceia.

A fazendeira ligeiro principiou a preparar a comida. Seus olhos correram pela casa inteira, por todos os recantos, como se procurassem alguém, e parecia que uma angústia qualquer deslizou pelo seu rosto indiferente.

Ela buscava com os olhos Marússia e somente agora percebeu que a menina imperceptivelmente tinha sumido do meio da confusão.

V

Uma linda noite azul-escuro, transparente e tépida brilhava misteriosamente com estrelas, quando Marússia ligeiro esguichou da casa, rastejou sob a tenda ramificada do viburno florescente que cobria o chão e chegou ao jardim. Aí foi escondida pelos cachos da macieira e cerejeiras densas qual uma rede.

Ela ficou parada, esperando o cora o se acalmar. Cada veia latejava, as pernas desfaleciam, os pensamentos se cumulavam e mesclavam; algumas imagens luminosas esvoa avam diante dos olhos que destilavam lágrimas ardentes de uma nova e até então desconhecida saudades no cora o, unida a uma feliz esperança.

Da fresca aragem noturna, ela voltou a si; as lágrimas cessaram e os pensamentos se arrumaram.

Tudo em torno estava tão perfumado, viçoso e florescente! Tudo era tão querido e próximo ao cora o! Cheia de amor e tristeza, ela se inclinou e começou ardentemente a beijar a relva, as flores, os ramos inclinados, olhando para cá e para lá, mostrando com todo o seu ser sua indecisão e cordial amizade para algo ainda não claramente compreendido, mas algo que já tinha cativado inteiramente sua alma.

Uma aragem leve entre as árvores fez com que ela tremesse de frio e ardesse de calor. Ela jogou-se na terra e sua figura branca submergiu na florada dos brancos ramos.

Tudo calou-se novamente.

Marússia parecia por um tempo estar presa   terra no meio do pomar mudo, sob a luz meiga e cintilante das estrelas, no meio do pacífico olor das flores e da relva;

por toda a parte a seu redor havia silêncio, só o vozerio vindo da casa vibrava agudo no ar tépido.

Ela já pretendia separar os ramos que a ocultavam, quando novamente sentiu um leve farfalhar — o mesmo que antes — e na sua frente entre duas cerejeiras cresceu a enorme figura do cossaco zaporogo.

O coração de Marússia vibrou de alegria e logo em seguida estremeceu de preocupação e medo.

O cossaco ficou um instante parado, depois moveu-se adiante; era evidente que se dirigia do pomar ao rio. Sua estatura gigantesca parecia-se com uma sombra colossal que se movia tão leve, silenciosa e hábil entre a ramagem cerrada das cerejeiras entrelaçadas e macieiras cacheadas que não se percebia som nenhum, nem se via o balançar dos ramos.

Marússia, sem entender por que e para que, seguiu sorrateiramente atrás do zaporogo, só às vezes parando por causa da batida ou do desmaio do coração.

Assim, os dois passaram pelo pomar inteiro, pela cerca viva de trepadeiras e plantas rasteiras, chegando ao rio.

O rio balouçava-se entre as ribeiras com um marulho preocupado. Os campos ribeirinhos luziam prateados na escuridão; as estrelas tremulavam nas ondas e cintilavam no céu. Ao freixo, que afundara as raízes inferiores nas águas, estava amarrada uma canoa balouçante e leve qual uma casca. O prado vizinho e as montanhas estavam cobertos com silêncio, calor e morna, transparente névoa.

Aí zaporogo novamente parou, olhando em torno e refletindo, e de repente ouviu atrás de si baixinho uma voz infantil, sentindo ao mesmo tempo o toque de meigas mãozinhas. Virou-se como um homem ao qual nada no mundo pode espantar ou chocar e viu diante de si Marússia.

— O que há, menina? — perguntou com uma voz despreocupada, como se não houvesse nenhuma sombra de mal e perigo.

Porém Marússia não conseguiu pronunciar uma palavra sequer, só pegando na sua mão olhava-o suplicante. No entanto, estes olhos falavam muito e com tanta elo-

qüência, que o zaporogo afagou sua cabecinha. Algo semelhante a meigo carinho e terna pena via-se na sua figura inclinada.

— Pode-se chegar a Tchyghyryn! — pronunciou Marússia.

— Como se pode, menina-conselheira? — perguntou ele, sorrindo silenciosamente.

— Na estepe está a carroça com feno do pai, — disse Marússia. — Os bois também pastam na estepe... Eu conheço tudo bem... Nós atrelaremos os bois... Tu vais te esconder no feno... Eu te levarei até a fazenda do senhor Knych... Lá corre um rio... E além do rio já está o exército de Tchyghyryn!

O zaporogo olhou os olhos brilhantes da menina, sua leve figura trêmula que estava na sua frente, e ouviu como batia o pequeno coração. Sentiu, de repente, que seu viril coração curtido parecia derreter-se no peito e algo tão estranho acontecia com ele neste instante que nem mais tarde pôde descrever, apenas ficava pensativo ao lembrar.

— Quem te deu esta idéia, querida Marússia? — perguntou o zaporogo.

— Eu conheço um conto sobre uma moça que fugiu dos ladrões.

— Conta para mim este conto, Marússia! — pediu o cossaco.

— E Tchyghyryn? — perguntou ela timidamente.

— Iremos, também, a Tchyghyryn, — respondeu o zaporogo, como se promettesse a ela uma bolacha de mel. — Será que caminhando ao longo da ribeira nesta direção chegaremos à estepe?... Chegaremos? Então, está bem!

De mãos dadas, eles caminharam com muito cuidado ao longo do rio. Primeiro chegava até os seus ouvidos o alarido de vozes da fazenda de Danylo, mas depois foram contornados por um silêncio total, que somente acontece de noite nas margens solitárias de um rio, quando até o marulho e saltos das ondas acrescentam-se à calma, sem feri-la.

— Conta teu conto, Marússia, — pediu o cossaco, quando chegaram a este lugar.

Muitos medos e receios, muitas esperanças comoviam Marússia; ela olhou o zaporogo com uma hesitação tristonha: o cossaco a olhava sorrindo. Até no brilho trêmulo dos luzeiros noturnos via-se nele tanto sentimento e tanta coragem, ele aparentava tanto ser um mago, que Marússia logo sossegou e toda a sua inquietação medrosa sumiu.

— Começa, querida Marússia, começa! — disse o cossaco. — Eu gosto muito de ouvir contos.

IV

Marússia principiou:

— Era uma vez um cossaco que casou sua filha.

— Se foi com um rapaz bom, que Deus lhes dê sorte! — comentou o zaporogo.

— A moça não gostava do noivo, — continuou Marússia, — no entanto foi obediente à vontade do pai, casou-se, e o noivo a levou para sua casa.

— Pobre da moça! — disse o cossaco.

— Só que a casa do noivo era estranha, — continuava Marússia. — Estava situada no meio de uma mata fechada e perto não havia estradas e nenhuma alma viva via-se nas brenhas. A moça ficou muito preocupada.

— Tinha toda razão! — comentou o cossaco.

— No começo em nada reparava, só ficava angustiada; depois, na sua infelicidade, começou a olhar tudo atentamente... Viu muitos tesouros... Só que ela não precisava de tesouros; quis saber somente para onde cada noite cavalgava seu marido com seus companheiros. Mal montavam os cavalos, logo sumiam no matagal; só um instante ouvia-se o galope, depois de novo tudo ficava silencioso e deserto...

— Ela andava pela casa toda e tinha chaves de todos os cômodos. Só que o marido não a deixava entrar numa adega. Aquela adega ficava sob cerrados, galhudos carvalhos, e sua porta negrejava no meio da moldura verde como a fauce de uma fera... "O que eles guardam lá dentro?" — pensou a jovem.

— Refletiu e dirigiu-se para a adega. Viu no ferrolho um cadeado tão pesado que dez moças não poderiam le-

vantá-lo. Bateu na porta que soou surda como pedra; olhou pela fresta — tudo estava escuro qual na capela.

— Eis que junto da soleira algo reluzia como uma centelha. Ela se baixou até a terra. Algo brilhava. “O que será?” — pensou. Apesar de sentir medo, passou a mão e pegou. Sentiu algo frio. Olhou e viu um branco dedo mindinho com um anelzinho. “Agora sei”, refletiu, “eles são bandoleiros.”

— E o marido era tão gentil! . . .

— Vê se podes conhecer uma pessoa pela aparência!
— disse o zaporogo.

Neste íterim principiou a clarear o dia. Uma brisa da madrugada esvoaçou pela estepe. Eles andavam ainda de mãos dadas ao longo das ribeiras silenciosas.

— A moça começou a divagar sobre o que devia fazer. Pensava tanto, e sua cabeça zunia que nem uma roda de moinho. Em torno negrejavam florestas tão densas quanto paredes. Havia tamanha solidão, que nela só podia-se perder, nunca achar um abrigo ou chegar às pessoas vivas.

“Para onde devo fugir?”

— Pensava e repensava muito. O sol já tinha se posto e ela ainda estava a deliberar. As estrelas já se derramavam no céu, e ela continuava pensando.

— Eis que escuta: estão chegando!

— Entra seu marido, tão contente em vê-la!

“Tive muita saudade de ti!” — disse.

— Esticou os braços e ela viu sangue nas suas mãos.

“O que você tem na manga?” — perguntou ela.

“Eu cacei uma fera vermelha” — respondeu ele rindo.

— Seus companheiros ouviram e riram também.

— Ela olhou o marido: já antes não era amado, mas agora tinha-se tornado temível. Olhou os companheiros dele — não viu um rosto amável.

— Pensou que não podia viver com eles, esqueceu todos os temores e resolveu fugir.

“Fugirei para bem longe!”

O zaporogo estava gostando muito do conto. Apesar de que graves pensamentos lhe preocupavam a cabeça,

ele olhava Marússia sorrindo de tal modo como se estivesse sendo servido com doce mel.

— A moça mal suportou que todos fossem embora; logo fechou bem o portão, a porta e as janelas e correu para dentro da floresta. Não havia nem estrada, nem atalhos, nenhum vestígio humano, só a estrela da tarde brilhava, e por ela a moça se orientava.

— Andou a noite toda, a mata se tornava cada vez mais densa e mais escura.

— Mal começou a raiar o dia, através da floresta começaram a infiltrar-se bandeiras rubras. Pensou que pela manhã iria ficar mais alegre, eis que ouviu atrás de si a perseguição chegando cada vez mais próxima. Os galhos estalejavam, os cavalos relinchavam, a voz do marido ecoava severamente: “Vou achá-la!” Seus companheiros exclamavam: “Por aqui! Por aqui!”

— Ela olhou em torno — não havia nenhum abrigo!

— Só uma árvore crescia lá, espalhando os galhos como uma tenda; ela correu para a árvore, subiu até o cume e ficou quietinha.

Porém, correndo, deixou cair seu lenço de pescoço, e quando a perseguição chegou ao lugar, logo percebeu o lenço branco no chão.

— Ai, ai! — intrometeu-se rapidamente o zaporogo.

— Logo todos exclamaram: “Seu lenço! Seu lenço! Ela está por aqui, está perto, foge nesta direção!”

— Começaram a procurar, vasculhar por toda a parte, cortar os ramos com os sabres.

— Nisso diz o seu marido: “Será que ela subiu nesta árvore?” Pegou da lança e com toda a força começou a furar no meio da ramagem.

— Ai, ai! — exclamou o zaporogo. — Pobre da mulher, quanto tinha sofrido!

— A lança aguda furou o lado da jovem, depois a mão, depois atingiu o ombro, mas ela não gritou, nem gemeu, porém o sangue quente gotejou da árvore...

O zaporogo de novo lamentou a infeliz mulher, exclamando de compaixão.

— As gotas de sangue caíram na cabeça do marido. “Que orvalho quente goteja desta árvore!” — disse ele.

“Certamente ela correu para mais adiante!” — opinaram seus companheiros.

“Atrás dela!”

— Todos se espalharam, sumindo nas brenhas.

— Ela, então, desceu silenciosamente da árvore e correu novamente. Correu por muito tempo, até chegar a uma estrada. Eis que viu um velho cossaco conduzindo uma carroça de feno. Precipitou-se para junto dele e começou a suplicar: “Leva-me contigo, bom homem, esconde-me em qualquer lugar! Há uma perseguição atrás de mim, querem me pegar e matar!” E o cossaco lhe disse: “Vês que levo o feno. Sobe na carroça, entra o mais profundamente que puderes e fica bem quieta!”

— Bravo cossaco! Deus lhe dê saúde, o diabo sabe até quando! — exclamou o zaporogo contente.

— Mal o velho cossaco a cobriu bem com o feno e de novo tocou com a vara os bois, chega galopando a perseguição.

“Não viste uma moça? — gritaram ele. “Para onde correu?”

“Não vi moça nenhuma”, respondeu o cossaco.

“O que levas?”

“É o feno.”

“É bom teu feno? Empresta um pouco a nossos cavalos!”

— O cossaco fez parar a carroça, descendo algum feno para seus cavalos.

“O teu cachimbo não se apagou ainda?” — perguntou um dos bandoleiros.

“Não, ainda fumeiga.”

“Então passa o fogo!”

— O cossaco emprestou-lhes o cachimbo e eles começaram a passá-lo de um para o outro, acendendo os seus próprios. Só o chefe não acendia cachimbo e não dava de comer a seu cavalo; apenas chegou perto da carroça, apoiando nela sua cabeça cruel e afirmando surdamente: “Hei de encontrá-la! Hei de encontrá-la!”

— E ela ouviu isso, ouviu até sua respiração quente.

— Passou-se uma hora comprida, até que os camaradas exclamaram:

“Chefe! Montemos, o dia clareia!”

— E todos eles subiram nos cavalos e cavalgaram para a floresta escura . . .

— E o velho cossaco continuou no seu caminho e levou a jovem até a casa paterna!

— Que tenha muita sorte! — disse o zaporogo. — É um lindo conto, querida Marússia, muito obrigado por ter mo contado! É uma história bem bonita! Tão bonita, que nem tenho palavras para dizer.

VII

Eles não se detinham nem por um instante e já tinham caminhado uma boa estrada.

A estrela ainda não empalidecera, mas o ar morno da noite tinha refrescado, do antigo mosteiro invisível atrás de contornos diluídos de florestas longínquas mal se ouvia a boa nova, um singular toque de sino muito baixinho corria pelos juncos ribeirinhos, e o rio, adentrando-se na margem macia em forma de uma bacia sonolenta, voltava de lá, como se de repente remexido e preocupado, rolando à sua frente as ondas revolvendo-se sonoramente e sem ordem, incorporando cada vez mais o ímpeto das águas e seus esguichos, e sumia dos olhos, parecendo queixar-se.

Junto dessa bacia pegaram outra direção.

Não havia nem estrada, nem trilha, mas Marússia conhecia bem a região e logo levou o zaporogo para a ampla estepe.

Foram envolvidos pelos fortes, sóbrios perfumes de capim e de flores recém-cortados que se debruçavam das enormes medas de feno, salpicando a estepe; o zaporogo atenciosamente olhava para todos os lados. Próximo de si percebeu no crepúsculo uma vivenda humana, coberta pela sombra de uma árvore copada.

— É a nossa casa, — disse-lhe Marússia. — O cercado está logo à frente.

Apesar de que por perto não se via nenhum sinal de qualquer cercado, o zaporogo seguia sem a menor hesitação as leves pegadas de Marússia.

Não deram mais de cinco passos, quando ela disse: — É aqui! — e eles pararam diante de algo parecido com uma cava espaçosa no meio da estepe plana; descendo

ao fundo, o zaporogo notou um cercado de vime e dentro dele uma junta de garbosos bois de chifres torcidos, parecidos com colinas íngremes sobre a superfície plana.

Marússia abriu o cercado e com a mão trêmula afofou carinhosamente primeiro uma, depois outra cabeça chifruda. Um leve, amigável mugido lhe respondeu e, parecendo compreender que a coisa mais importante era cuidado e silêncio, os bois, conduzidos fora do cercado, andavam pela estepe como canoas pesadas sobre ondas calmas — inaudíveis, retos, rápidos.

A carroça estava parada perto da meda, repleta de feno até o alto.

— O que há? — perguntou Marússia, vendo que o zaporogo tinha parado para fitá-la.

— Como és pequenina, Marússia! — disse ele. — Como és pequenina! Todos vão te considerar antes uma cotovia da estepe do que uma pessoa de ação!

Sem dúvida: Marússia era pequena, e no meio da estepe infinda, junto a uma enorme carroça, atrelada por fortes bois, ao lado de um gigantesco zaporogo, parecia ainda mais frágil e desprotegida.

— Vê, esqueceram o lenço da mãe junto à carroça, — respondeu ela. — Vou amarrá-lo à maneira das mulheres velhas e, quando sentar na carroça, vou me parecer com uma avozinha...

E já seus grandes olhos o fitavam debaixo do lenço, amarrado na cabeça conforme o costume das mulheres idosas, desaparecendo logo a sedosa cabecinha cacheada e os ombros rosados.

O zaporogo sorriu e alguns instantes não pôde ou não quis dizer uma palavra sequer.

Sua voz era muito baixa quando falou novamente.

— Sabes bem o caminho, Marússia?

— Sei. Em linha reta até o lago, depois o rumo dobra à direita e logo será visível o sítio do senhor Knych; além do sítio está o caminho livre a Tchyghyryn, disse o senhor Kruk ao pai...

— Conheces o senhor Knych?

— Conheço. Às vezes ele visita meu pai para comprar várias coisas.

— Como achas que vai te receber?

— Não sei como.

— E se for de mau grado?

— Será que ele iria trair? — respondeu ela, perguntando ao mesmo tempo. — Ele visita o pai... é amigo.

— E sabes, Marússia, que agora por toda a parte há bandos de exércitos, que inimigos andam por todos os lados? Sabes, Marússia, que agora, em vez das flores, de ambos os lados da estrada levantam-se véus de fumaça dos incêndios? Há massacres...

— Sei, — respondeu ela.

— Olhos inimigos vão olhar teu rosto, e se tropeçares numa palavra, tudo estará perdido!

— Não tropeçarei nem tremerei... Não tenho medo de inimigo, só de fracasso!

— Marússia, talvez a morte nos espere...

— Primeiro deves chegar a Tchyghyryn, — disse Marússia.

Tanta súplica e tanta determinação havia nas suas palavras! Aí parou a conversa. Os bois logo foram atrelados.

— Marússia, se alguém te detiver, não fiques rondando a carroça que nem um passarinho o seu ninho, entendes?

— Entendo! É necessário ser como tu és.

— Dize a todos que levas o feno ao senhor Knych, e, quando chegarmos felizes até seu sítio, dize àquele que vier ao encontro: "Tendes uma boa safra; mesmo colhida antes do tempo é bela." Ouves?

— Ouço, — retrucou ela.

O zaporogo enterrou-se no monte de feno da carroça. Marússia sentou-se como cocheiro, os bois partiram e a carroça, vacilando e balançando, seguiu pela estepe orvalhada.

As estrelas começaram a se apagar; a brisa tornou-se mais animada e gotas de orvalho brilharam mais nítidas na relva.

VIII

Silenciosamente, a enorme carroça rolava pelo caminho da estepe; à luz das estrelas que principiavam a se apagar, a recém-ceifada planura agora já se cobria com novo capim e novas flores, embora estivesse ainda repleta de montões de feno ainda fresco.

Silenciosamente seguia a enorme carroça. Em torno reinava quietude; um ou dois chamados na distância, um ou dois tiros de longe aumentavam ainda mais esta calma.

Diante de Marússia, a paisagem se estendia em todas as direções para a distância e para a amplidão. Seu ouvido captava o menor ruído: o sussurro da relva ou de asas das aves; sem parar, seus olhos corriam para todos os lados e observavam cada ponto. No crepúsculo da madrugada estival não se via claramente seu rosto; ela não mostrava os pensamentos ou sentimentos, mas toda sua minúscula figura no topo da copiosa, larga e verde carroça falava sobre sua atenção vigilante e sua exaustiva ansiedade.

De súbito ouviu-se o galope de um bando maior de cavaleiros: da direita apareceu um montão de soldados que raivosos se atiravam em direção à carroça.

Algumas vozes roucas de longe lhe gritaram:

— Pára! Pára!

Ela parou a carroça.

Num instante a cercaram e insistentes perguntas em idioma estranho derramaram-se de todos os lados.

— Para onde vais?... De onde vens?... Quem és?...

— Da fazenda, — respondeu Marússia. — Sou filha de Danylo Tchabán. Levo feno para o sítio Trilha Campestre, do senhor Knych.

Os cavaleiros tranqüilizados afastaram-se um pouco, e uma voz rouca disse com censura:

— Eu lhes disse que é um alarme falso. Vocês são medrosos como aves da estepe! Onde estão os agentes secretos poloneses, então?

— Não tem nenhuma importância que nós nos afastamos meia légua para o lado! — respondeu uma outra voz, aparentemente de uma pessoa jovem, agitada e leviana.

— Quando o vento dança na cabeça, nada tem importância! — insatisfeito murmurou o primeiro. O murmúrio seguinte foi abafado pelo assovio do chicote e o trote do cavalo que disparou.

— Que brabo! — comentou o segundo, com voz de leve zombaria. — Sigam-me, rapazes! Vamos tomar a carroça!

O bando partiu e, sob sua vigilância, seguia a carroça de Marússia. Por onde ela volvia os olhos ao redor, via rostos soturnos, toscos, severos; todos cavalgavam em silêncio, pareciam folgar afundando-se nos seus pensamentos, esquecendo por um instante os diligentes costumes guerreiros. Em algumas faces via-se tristeza, em outras — preocupação ou, então, uma coragem teimosa, ou ainda uma indiferença a tudo no mundo.

À frente cavalgavam os dois oficiais, parecendo discutir. Não ouvindo suas palavras, Marússia percebeu que um era jovem — isso traía sua viva, ágil figura e seus gestos rápidos e ríspidos —, e junto dele seu companheiro insatisfeito e gordo parecia uma fundição de ferro, pesadamente machucando seu irrequieto, quente cavalo. Esforçando-se por não perder nenhuma das frases, as quais trocavam de vez em quando no bando, Marússia tentava adivinhar sobre que discutiam os chefes, que iam à frente: não seria, por acaso, sobre a carroça? Será que a tinham esquecido? O que iria acontecer? Como o senhor Knych os receberia? E conseguiria o zaporogo chegar até Tchyghryn?

Balançando-se sem ruído, a carroça seguia. As últimas sombras noturnas estavam desaparecendo; já se sentia o frescor sadio e penetrante que prenuncia o nascer do sol; os bois vagarosos marchavam agora com mais ânimo, os cavalos amestrados, sem mudar sua marcha bélica costumeira, achegavam-se mais da carroça, esticavam as cabeças e prazerosamente beliscavam punhados de feno cheiroso.

De súbito, algo forçou Marússia a volver os olhos embebedos na distância para o lado esquerdo, encontrando aí um outro olhar brilhante, indagador e penetrante, — um olhar que a observava atentamente.

Bem junto dela, encostando-se na carroça, montava um maduro cavaleiro. Os olhos da menina, acostumados ao crepúsculo, repararam bem cada traço de seu grosso, esperto e animado rosto. Ele a escrutava com atenção e poder-se-ia entender sem palavras o seu olhar que dizia: “Estranha menina esta! Estranho também aquele que escolhera esta bonequinha frágil como cocheiro à noite, no meio de um tempo belicoso, irrequieto e inseguro!”

— Tu tens pai e mãe, ou não? — perguntou ele de repente a Marússia e, notando que ela não entendia o russo, com deturpada língua ucraniana, traduziu-lhe sua pergunta.

— Sim, tenho pai e mãe, — retrucou ela.

Seu olhar a trespassava de maneira ainda mais desconfiada, tornando-se mais indagador e perspicaz.

Parecia a Marússia que uma crosta de gelo tivesse coberto seu corpo inteiro, o frio penetrou até o coração. A estepe e o céu rodavam na sua vista em ondas revoltas, sua cabeça girava, mas ela lembrou-se da recomendação do zaporogo e, querendo igualar-se a ele, disse com uma voz tranqüila e não apressada:

— E seus pais estão vivos ainda?... Tem muitos parentes?... Possui filhos?... Meninas e meninos?...

Não se sabe se a baixa vozinha retraída ou então aquela pergunta banal tivessem acordado ensurdecidas alegrias e saudades no coração, mas elas surgiram à tona, fazendo a face perspicaz e observadora, que encheu Ma-

rússia de ansiosa preocupação, dar um espetáculo ou de sombras envolventes ou de claros entremeios: lembranças, imagens, tristezas, medos, esperanças pareciam sufocar o homem forte, avançavam em vivas, raivosas avalanches. Estes olhos, antes indagadores, olhavam agora Marússia de modo estranho, como se quisessem encontrar na sua imagem uma outra imagem longínqua, que faria outrora sorrir os lábios agora trêmulos.

— Sim, tenho uma filha, — disse ele, depois de silenciar por muito tempo.

— É grande? — perguntou Marússia.

Ele sorriu. Talvez diante de seus olhos passasse uma figura muito pequena, frágil e fraca, a julgar pelo seu sorriso um pouco cansado.

— Como tu, se não ainda menor, — disse, e afundou-se nos seus pensamentos.

Os oficiais que cavalgavam à frente ainda discutiam sempre; um já se cansou de provocar, o outro de murmurar; fosse, talvez, alguma brincadeira entre eles, nesta vida livre, selvagem e enfadonha.

De repente alguém da retaguarda principiou a cantar: “Lembra-te, lembra-te, minha amada, do nosso primeiro amor”, e cada tom invocava para Marússia uma fileira de sonhos sobre Tchyghyryn, o senhor ghetman e o zaporogo; ela estremeceu com os sons da voz surda e potente do maduro cavaleiro, seu interrogador, que cantarolava para si a canção iniciada. O canto se transformou para ele num apaixonado, amargo sussurro; depois sua voz, claramente exaltada, fazia-se ouvir mais fortemente com tais ondas de tristeza e resignação, dor e bravura, que feria os ouvidos. Os oficiais, ora este, ora aquele, apoiavam a canção; finalmente todas as vozes se juntaram e confluíram uníssonas, rolando largamente pela estepe.

Silenciado o canto, todos perceberam o clarear do dia, como se este tivesse surgido de uma porta brusca e não enrubescendo aos poucos. Perto da estrada via-se um calmo lagozinho, parecendo estar coberto por um véu de fumaça, a neblina matutina; do lagozinho serpenteava um caminho negro até o sítio, acima do qual levantava-se um fio esguio de fumaça.

Era o sítio do senhor Knych.

Temível era, antes, a escuridão da noite tépida, depois o crepúsculo da madrugada, mas o raiar brilhante da manhã abençoada era mais temível ainda. O alegre semblante da natureza estranhamente agia sobre a alma, ou revolvendo-a, ou apaziguando-a, enchendo-a com duplo sentimento: medo e esperança, que se desafiavam e lutavam sem vencer um ao outro, assim como lutam iguais potências, fogo e água, que nunca farão as pazes.

Marússia procurava com os olhos o cavaleiro mau, que se afastara sumindo na multidão, e seus olhos vivos logo o acharam e reencontraram os olhos dele. No seu olhar não havia mais nem escrutação, nem aguda atenção; algo de incerteza, de hesitação e receio derramou-se pelos traços grossos de seu rosto de rapina, amolecendo-os.

— Meu Deus, que pequenina! — exclamou um do bando, olhando Marússia à luz solar. — E segue assim indiferente, sem medo da pólvora e das balas!

— Numa migalha desta não acerta nenhuma bala, — disse um outro. — É igual a uma semente de papoula.

— As moças deles são corajosas, é um povo assim, — acrescentou um terceiro. — Digo-vos, vi no meio da luta e do derramamento de sangue, quando a terra treme e homens se massacram e morrem, elas andam no meio deles e colhem os seus, como se colhessem morangos no pomar, Deus me é testemunha!

— Mas, também, quantas delas perecem! — disse ainda um camarada que se uniu aos outros.

— Assim ou de outro modo, todos iremos morrer, — comentou alguém de lado. — A questão é como morrer da maneira mais bela! Eis o problema!

De longe ouviram-se alguns tiros, e seu estrondo, como feitiço, espantou outros pensamentos e sentimentos; a meditação que tinha envolvido alguns, um plano preconcebido, uma idéia pronunciada pela metade — tudo rompeu-se igual a um fio cortado pela tesoura afiada, e todo o bando transformou-se então num único ser, que aguçou atentamente os ouvidos e aprontou-se para a desforra.

Os oficiais igualmente fizeram parar seus cavalos, deixando de discutir e de provocar um ao outro.

— É do nosso lado! Decerto do nosso lado! — exclamou o jovem oficial.

— Embora! Embora! Vamos ajudar! São os nossos que lutam! Hê, Ivan, leva a carroça até o sítio e te arranja... Avante!

Marússia não conseguiu nem bem entender do que se tratava, quando todo o bando partiu como vento e rapidamente sumiu-lhe dos olhos, menos Ivan, que teve a ordem de “entregar a carroça e de se arranjar”. Como pássaros selvagens, os cavaleiros levantaram vôo sem olhar para trás, só o moscovita maduro, que tinha conversado com ela, voltou, olhando-a outra vez.

— Toca adiante, toca adiante, pequena! — disse Ivan, acendendo um curto cachimbo.

Marússia fitou Ivan que lhe parecia algo semelhante a um porco-espinho.

— Toca adiante! Toca adiante! — disse ele de modo mais severo.

A carroça se movia lentamente para o sítio de Knych; cintilavam os campos semeados, em parte pisoteados sem dó, ouviam-se cada vez mais freqüentemente tiros e, subindo imperceptivelmente uma colina pela qual serpenteava o caminho, Marússia enxergou ao longe tendas e barracas de campanha, atrás das quais se levantavamovelos de fumaça negra e explodiam de vez em quando línguas de fogo vermelho. De vez em quando ouviam-se no sonoro ar matutino vozes humanas e gemidos, o mal perceptível mugido do gado e choro de crianças, o escarcéu do galinhaço e estrondos de vivendas humanas.

Tendo subido ao cume da colina, Marússia viu, como na palma da mão, o longínquo campo de batalha. Viu aldeias em fogo, duas crianças correndo com terror, de mãos dadas, não sabendo para onde; reconheceu algumas figuras femininas, estendidas imóveis no meio da estepe; a seu olhar caía gente gemendo, galopavam cavalos aterrorizados sem cavaleiros, fileiras bravias tornavam-se ralas, a terra se coloria de mortos e feridos; a relva escurecia. O céu adquiria uma cor malfadada vermelho-azul. Montes de poeira rondavam em ondas.

E na frente dela verdejava e rescendia o sítio do senhor Knych, e a carroça aproximava-se dele em silêncio cada vez maior. Na densidão do pomar já se distinguiam várias árvores e arbustos com a folhagem recortada e flores; pelo portão aberto viam-se galinhas amarelo-escuras e carijós que perambulavam pelo amplo pátio, coberto de macia, aveludada cravagem e toda a espécie de utensílios de trabalho; junto ao portão estava sentado um enorme cão cabeludo; ele já tinha percebido a carroça no caminho e esperava por ela indiferentemente e atento, igual a uma pessoa que já viu muito na vida e havia muito tempo resolveu não se apressar em mostrar os seus sentimentos.

X I

Mal a carroça parou junto ao portão, diante de Marússia surgiu um menino de uns cinco anos, parecido com um filhote de águia, rosado e forte. E mesmo se ele fosse um filhote de águia da estepe, não poderia ter voadado mais atirado, nem ter afundado em Marússia um olhar mais corajoso, nem ter perscrutado mais rápido sua pessoa, a carroça e os bois.

— O senhor Knych está em casa, menino? — perguntou Marússia.

— Veio visitar o avô? — perguntou o menino em vez de responder.

— Sim. O avô está em casa?

— Está.

— Onde?

— Ali no pomar, ou talvez na sala, ou quem sabe no campo.

— Vá chamar teu avô, menino!

No entanto, o avô já se aproximava do portão.

Era um velhinho curvo, ingênuo, trajando uma veste aldeã de linho: camisa, calças largas e chapéu de palha.

Inclinou-se educadamente diante do soldado que vinha vindo e logo reconheceu Marússia, não demonstrando nenhum espanto, como se estivesse aguardando-a e como se tais visitas fossem a coisa mais comum do mundo!

— Ah, pequena! — disse. — Estás bem de saúde, estás contente? Faz favor, entrem em casa, e, se a casa for enfadonha, então Tarás aqui sabe onde encontrar morangos e framboesas maduros. Podem também brincar com bolachas e doces. Temos ainda pastéis como reserva, tais pastéis que confortam a alma faminta.

O moscovita ouviu palavras: bolachas, pastéis.

— Decerto tens umas provisões no sítio! — disse com voz severa, mas nesta já se notava um tom mais brando, invocado pela imaginação dos pastéis e outras iguarias.

— Graças a Deus! — exclamou o dono. — Entrem, por favor!

Como parecia amigável, cordial e sincero o anfitrião, senhor Knych!

— Faz favor, caro hóspede, eu não o estava esperando, porém Deus o mandou... Um hóspede inesperado, porém querido... Faz favor, faz favor!

“O inesperado, porém caro hóspede”, cansado e esfomeado, não principiava conversa, nem dava explicações; seguiu o anfitrião, esticando o corpo fatigado, bocejando, coçando-se, — em uma palavra, aproveitando a rara oportunidade de saciar corpo e alma, imaginando, ao certo, que o dono do sítio, um simplório camponês bondoso, preocupava-se somente em oferecer seus pastéis, suas comidas e bebidas.

Marússia levou a carroça até o pátio e seguiu-os; o menino Tarás foi atrás dela.

— Senhor Knych! — disse Marússia — Que bela safra a sua! Mesmo ceifada antes da hora seria boa.

— Graças a Deus, menina, graças a Deus! Esta colheita promete ser generosa, — respondeu o senhor Knych sem se virar.

Se pelo menos sua voz tremesse um pouco, ficasse mais grave ou mais aguda, se pelo menos sua estatura se abalasse, ou seu andar se tornasse mais acelerado, ou parasse, ou se ele modificasse o mínimo de seu aspecto de fazendeiro zeloso que se gaba de seus pastéis, os quais com oculta alegria há de oferecer ao hóspede! Que já agora sorri maliciosamente, imaginando como aquele ficará agradavelmente surpreso ao degustar o primeiro bocado de seus alimentos, os quais ele, o dono da casa, aparenta prezar acima de tudo neste mundo. “O que será? Ele não compreendeu?”

O coração de Marússia apertou-se; não sabia mais o que pensar e fazer, resolvendo afinal, novamente: ser como Ele!

Então, nada mais disse, entrando na casa. Era uma vivenda ampla, arejada, nívea, com largos bancos, uma mesa coberta por uma toalha branca e com o chão de terra batida. Das paredes pendiam cá e lá maços de ervas cheirosas da estepe, já meio murchos; do canto, atrás dos ícones, enfeitados com toalhas de linho, também pendiam ervas junto com flores secas do ano passado, ramos bentos de salgueiro e plantas da festa do Divino. O fazendeiro pediu que se sentassem e parecia todo preocupado em servir, todo tomado por uma vontade vaidosa de não ficar envergonhado e mostrar a sua administração da casa do melhor ângulo possível; ele se agitava, cobrindo a mesa, corria para a adega, rumorejava na despensa, tinha com pratos, fazia cair colheres, derramava algo de uma garrafa para outra, subia no sótão para apanhar uma salsicha fumeira, — e, com estas bem-intencionadas preocupações, molestava com a expectativa o hóspede faminto, dirigindo todos os pensamentos deste só para estes esforços e suas gulosas conseqüências, enchendo-o de gratidão e também de censura e impaciência, os últimos sentimentos, no entanto, não superando o primeiro.

— Não te preocupes tanto, fazendeiro, com minha pessoa! — dizia o hóspede de vez em quando.

— Não se pode deixar... não se pode deixar... permite, senhor, como é mesmo teu nome, vossa senhoria? — respondia o bondoso anfitrião.

— Chamam-me Ivan, — respondeu este suspirando e se rendendo.

— Então, permite-me, senhor Ivan, receber-te com o que Deus mandou. Permite-me!

— Nós somos soldados, não estamos acostumados a comer coisas de requinte. O que importa é não sentir fome e basta! — tentou convencê-lo a seu favor, senhor Ivan.

— Não, não! Permite-me — insistia o dono da casa.

Marússia estava sentada no banco, esforçando-se ser como Ele; aparentemente calma e calada, sentia, no entanto, tais marés e ressacas de esperanças e medos, que ninguém poderia expressá-lo com palavras e raramente alguém seria capaz de imaginar.

O menino Tarás, tendo examinado suficientemente as visitas de um canto, olhava agora pela janela, contando tiros cujo som chegava claramente ao sítio.

Finalmente tudo necessário para a merenda ficou preparado, e o senhor Ivan, tendo esperado tanto tempo, lançou-se a ela com sentimento inimigo e aspecto feroz de guerreiro, que não preza a fineza do gosto; mas logo, logo ele amoleceu, até ficou um pouco gentil, e, depois de alguns copos de diversos aperitivos, seus olhos ficaram turvos e nos lábios apareceu um sorriso indefinido.

O anfitrião, de vez em quando, lembrava-se de alguns petiscos novos guardados e descia para a adega ou subia ao sótão, pedindo antes a permissão ao senhor Ivan.

Este já não negava nada, só acenava-lhe com a cabeça que tudo estava bem e que ele estava de acordo com tudo.

— E tu, Tarás, o que ficas aqui a bobear? — perguntou o fazendeiro ao neto. — Vai jogar algum feno aos bois. Este é meu trabalhador, de um melhor não preciso, não importa que não tenha crescido ainda muito, — acrescentou, dirigindo-se ao senhor Ivan.

O senhor Ivan quis responder algo de sério, mas não o disse, apenas sorriu devagar e indefinido.

Tarás logo pulou do banco e correu até a porta.

Marússia não suportou mais o tormento e disse igualmente:

— Eu também irei com Tarás!

— Pois vai, pequena, — concordou o dono, e, quando ela passou junto dele, ele alisou sua cabecinha, o que como feitiço devolveu a ela segurança e ânimo.

— Fazendeiro! — disse de repente o senhor Ivan. — O feno é nosso, tomado prisioneiro. Dá um resgate, um alto resgate por ele! É bom... é muito bom...

— Tua vontade, senhor Ivan, — disse o dono. — Toma o feno ou o resgate, o senhor manda!

— Pois bem... — disse o senhor Ivan, — está muito bem...

X

Indo para fora, Marússia viu a sua carroça no mesmo lugar; Tarás tirava dela punhados de feno e jogava aos bois, e estes recebiam altivos, com dignidade, a homenagem justa. Marússia secretamente contornava tremendo a carroça e queria adivinhar o que lhe causava suplício.

Por muito tempo ela rondava assim como uma ave ferida sobre um ninho arruinado. Tarás, tendo cumprido a tarefa que lhe fora confiada, dirigia a ela palavras ora por isso, ora por aquilo, mas ela lhe respondia brevemente, — todo o seu ser foi tomado pela preocupação, pelas ansiedades e esperanças.

Refletindo que este rondar em torno da carroça poderia causar suspeitas, ela se afastou, perambulando pelo vasto pátio; deu uma espiada no denso pomar, olhou o campo que se estendia distante.

“O que fazer? O que vai acontecer?” — pensou.

Quando passou por um montão de pedras jogadas no pátio, ouviu claramente uma voz:

— Obrigado, pequena Marússia, não tenhas medo, tudo está bem!

No mesmo instante ela reconheceu esta voz e, atingida pela alegria como por uma flecha, de repente desenfiteçada e liberta dos tormentos e angústias, que sumiram de vez, vacilou quase caindo, sentando-se no chão, sem força para dar um passo.

Devagar voltou a si e atentamente observou o lugar: o montão de pedras, junto ao qual ela se achava, deve ter sido de longa data, de quando construíam a adega, de onde a ventilação dava para o pátio, e as pedras que

sobraram não foram utilizadas desde então, pois estavam cheios de capim e urtigas.

“Será que ouvi direito?” — pensou Marússia, desfalecendo de vertigem.

Porém a voz, vinda das entranhas da terra, soou pela segunda vez:

— Minha fiel menina! Alegra teu coraçãozinho! Nós já atravessamos a correnteza, e não vamos nos afundar na ribeira!

Marússia por muito tempo permaneceu imóvel, ainda escutando. Com Suas palavras, como por uma ordem encantada, seu coração ficou repleto de viva alegria, no rosto acendeu-se um rubor tão quente e feliz, os olhos cintilaram tão brilhantes, que Tarás, saltitando pelo pátio do avô como se fosse um cavalo de ghetman, ou então na temível aparência do próprio ghetman, ou ainda, imitando imagens de corajosos chefes cossacos e seus coronéis, ou finalmente, incendiado pelos belos, famosos papéis, pulando e tumultuando na sua própria aparência, parou diante da menina desconhecida, surpreso pela sua transformação e, desconfiado, fundou nela seu olhar de águia.

“O que será que o avô lhe deu?” — pensou. “O que será?”

Diante dele começaram a esvoaçar uns fantasmas imprecisos de saborosas bolachas, doces, cavalos de pão-de-mel, nozes assadas e outros petiscos. Quanto mais ele contemplava a desconhecida menina, tanto mais estes fantasmas tornavam-se fantásticos, atraentes, comovendo-o e aborrecendo-o ao mesmo tempo. Não entendendo nada, esperando algo, ele estava a olhar, mais do que nunca parecido com um filhote de águia selvagem que estica as asas, afia o bico e atentamente observa em que direção deve partir para capturar a presa.

Quando Marússia falou, ele se sacudiu todo.

— Então, menino, vamos juntos ao pomar?

— Vamos, — respondeu ele um pouco indeciso, como alguém um tanto inseguro, não sabendo se vai ganhar ou perder com isso. — O que foi que o avô te deu?

— A quem? — perguntou Marússia.

— A ti!

— Nada.

— Então, o que prometeu? O quê?

— Nada.

Tarás olhou a visita atento e inseguro.

— Por que estás tão contente?

— Eu?

Ela queria dizer: “Não estou contente”, mas calou, acrescentando apenas:

— Vamos ao pomar.

E eles foram passear no pomar, colhiam morangos e conversavam sobre várias coisas.

O menino Tarás gostava de conversar, especialmente sobre aquilo que ele faria, neste ou noutro caso, se ele fosse o próprio ghetman, e decerto ninguém conseguiria contar — nem mesmo sendo um astrônomo! — quantos infiéis ele sufocou com as palavras, quantas cidades fortificou, quantas aldeias e fazendas enriqueceu. A linguagem do menino Tarás tornava-se, então, doce qual mel; e, observando-o assim, poder-se-ia ter certeza de que também seus feitos não seriam amargos qual losna.

Não existe no mundo algo mais belo do que o divertimento num perfumado rescendente, denso pomar, quando o coração se exalta, e todo o ser, depois de uma ardente expectativa e cansativa dúvida, parece rir! Deus permita a cada boa pessoa divertir-se assim pelo menos uma vez na vida!

Assim folgava Marússia, seguindo os passos de Tarás por todos os cantos e recantos do pomar, conversando sobre mil coisas.

Porém, apesar de tudo, Tarás, guiando a visita pelo pomar, oferecendo-lhe bagos e divertindo-a com conversa, olhava-a às vezes com insegurança e de nenhuma maneira conseguia livrar-se daqueles imprecisos e atraentes fantasmas de misteriosos bolos, bolachas, doces e outras guloseimas, que existiam algures perto e apareciam logo, quando o iluminado rosto da menina voltava-se para ele.

X I

O sol, neste ínterim, tinha-se levantado bem alto; reluzia e brilhava tanto que parecia não haver sombra em nenhum lugar, e, mesmo havendo sombra em qualquer parte, ele a trespassava, a limitava, prendia nela um raio. Sua luz tépida e muito intensa penetrava a casa diagonalmente, pela janela, perto da qual adormecera o saciado Ivan. O sol, com sua maciez e seu calor, já tinha acordado, provavelmente há muito tempo, aquele ser desacostumado, ou não acostumado inteiramente, de qualquer tipo de meiguice e calor neste vasto mundo.

O senhor Ivan, apesar de já ter acordado há um certo tempo, não abria os olhos, apenas suspirava e sorria com um tanto de pesar. Parecia dizer com aquele sorriso: "Eu bem sei que destes afagos presentes não restará nem vestígio quando eu abrir os olhos. Sei e compreendo isso!"

Porém de súbito ele pulou como se queimado por fogo, seu rosto adquiriu a costumeira expressão impenetravelmente sombria e até um tanto ríspida, rapidamente ajeitando sua roupa e se compondo, com hostilidade olhou paredes brancas, sobre as quais reluzia o alegre brilho solar.

A casa estava vazia; ele chamou curto e ríspido:

— Hê, fazendeiro!

O senhor Ivan tinha uma voz potente que rolou pelo pátio, por todos os recantos. Marússia e Tarás esconderam-se atrás de lilases e viburnos, aguardando o que iria acontecer.

Em torno reinava calma, nada se ouvia além do rumor e da agitação de um ensolarado dia de verão.

O senhor Ivan gritou novamente, mais forte e mais ríspido do que antes:

— Hê, fazendeiro! Ensurdeceste?

Inteiramente pronto para partir, o senhor Ivan, já de gorro, pegou a lança do modo mais hábil na mão, deu um chute com seu sapato na porta da casa, abrindo-a largamente, e parou, sem saber para onde devia se dirigir: a ante-sala estava aberta, de dois lados sobre a relva corriam caminhos, cá e lá havia utensílios do campo. Do terceiro lado estava semi-aberta a porta para o cômodo principal da casa.

Porém logo se ouviu a voz prazerosa do fazendeiro como resposta ao chamado; uma voz interrompida por uma leve e bastante agradável tosse e por rápidos passos.

— Já vou, senhor Ivan, já vou, — ouvia-se de longe a voz sincera e amiga.

No entanto, o senhor Ivan não pôde imaginar de onde vinha vindo a voz, fazendo girar seus tendões para todos os lados, impacientemente empurrando seu corpo em não importa qual porta, esbarrando face a face no gentil fazendeiro sem fôlego.

— Descansaste bem, senhor Ivan? — perguntou o fazendeiro, olhando de modo simplório e compadecido nos olhos insatisfeitos do hóspede. — As moscas não te incomodaram?

— O diabo as carregue, incomodando ou não incomodando, — respondeu o senhor Ivan, não se sentindo muito bem após o repouso e sono.

— Certamente, que se danem, senhor Ivan, — disse o dono da casa, de bom-grado concordando com o pensamento expresso pelo hóspede e, enquanto o outro matutava sombrio e zangado torcendo algum tempo o bigode, este também pensou um pouco e acrescentou: — No entanto, te digo: às vezes, justamente após um bom sonho, o mau humor se apodera da gente por causa destas pestes . . .

— Que peste? — perguntou o senhor Ivan, saindo da meditação.

— As moscas, vossa senhoria. . . Só em pensar que a gente, para elas, é mais doce do que mel. . .

— A cabeça me dói, — interrompeu sombrio o senhor Ivan ao fazendeiro tagarela. — Oferece antes um copo de aguardente, em vez de continuar neste falatório vão . . .

— Por favor, por favor, senhor Ivan, — continuou o fazendeiro, apegando-se com tal fervor a esta idéia, qual se lhe tivessem presenteado com uma aldeia inteira, com terrenos e campos semeados.

Com miúdos passos alegres ele precedeu o senhor Ivan até a vivenda, e este seguia-o com a mesma face carrancuda e aborrecida, porém já alisando e arrumando os bigodes eriçados.

— Vamos nos sentar, senhor Ivan, eu vou logo encher um copinho, — disse o dono, andando pela casa.

— Não tenho tempo para sentar, — respondeu sem amolecer o senhor Ivan, — oferece rapidamente, tomarei em pé. E preparaste o dinheiro? Não posso esperar.

— É pena, muita pena que tenhas tanta pressa, senhor Ivan, — lamentou-se o dono. — Uma aguardente como esta deve ser degustada aos pouquinhos, digo-te com sinceridade.

— E o dinheiro está pronto? — perguntou outra vez o senhor Ivan.

— Está pronto, senhor Ivan, apesar de que é duro para a gente . . .

Aí o dono suspirou e olhou melancolicamente primeiro uma algibeira tirada do bolso e depois o senhor Ivan.

— Não vale a pena falar sobre isso, — retrucou este, que já tinha conseguido engolir um enorme copo de aguardente, como se fosse um bago apenas.

O dono da casa rendeu-se, suspirando de novo. Já não conversava mais; silenciosamente tirou o dinheiro para fora, virando-o e olhando-o de todos os lados, depois se pôs a contá-lo em sussurros.

— Sabes contar até trezentos, ou não dás conta? — perguntou o senhor Ivan, já não tanto zangado, pois ao perguntar enchia o segundo copo; perguntava com zombaria, até brincando. — Como é que tu contas?

— Conto em sessentenas, senhor Ivan, — respondeu o dono, — cinco, seis . . . não há melhor maneira, sete,

oito... o meu falecido pai nunca se enganava, nove... nenhum judeu conseguiu superá-lo em contas... onze... e bem se sabe que judeus...

— Os judeus são os primeiros vendedores de Cristo! — com menosprezo cortou o senhor Ivan e, enchendo e esvaziando o terceiro copo, ao escutar em silêncio as divagações do dono da casa sobre a natureza judaica, interrompidas pela contagem do dinheiro que este colocava em colunetas sobre a mesa.

Porém, depois do quarto copo, toda a austeridade do senhor Ivan voltou, e de sobra: a testa se enevoou, o rosto escureceu. Não respondeu à saudação gentil do fazendeiro; recontou severamente o dinheiro e passou-o com a mão impaciente ao bolso; depois rapidamente saiu da casa. Aí desamarrou o cavalo que pastava, chamando-o de voraz, austero levantou o gorro, respondendo a todos os cumprimentos, depois puxou-o quase sobre os olhos e saiu da fazenda num galope, sumindo logo na ampla estepe que verdejava vivamente ao sol alegre.

XII

Enquanto os aquilinos olhos de Tarás seguiam com inveja o senhor Ivan cavalgando pela estepe, os olhos de Marússia, tendo se despedido o cavaleiro, dirigiram-se ao dono da fazenda.

Este estava junto do portão aparentemente à toa, olhando com Tarás o galope apressado e escutando maquinalmente a batida de cascos pela estepe. Com uma mão afagava a cabeça do cão que se aproximou dele, com a outra cobriu-se como com um guarda-sol contra os raios solares que lhe batiam no rosto. Depois, como se estivesse bastante satisfeito com o quadro, voltou tranqüilamente e sem pressa do portão, escrutando o pátio, com aquele olhar inquisitivo com que um diligente, exato e aplicado fazendeiro às vezes olha, examinando se não há, no seu perfeito, infalível governo da casa, algo de censurável para o qual deva dirigir sua fervorosa atividade doméstica.

— Vovô! — exclamou Tarás, acordando finalmente de seu teimoso olhar atrás do cavaleiro. — Onde está o exército inimigo? Eu pensei que fosse no Grande Barranco, no entanto . . .

— Vocês, crianças, estão brincando no pomar? — amigavelmente perguntou o senhor Knych, parando e acenando com a cabeça. — Se estiverem cansados, venham para casa; o trigo sagrado não deve nascer em vão!

Sorrindo foi para dentro de casa, seguido por eles.

Num instante sumiu a garrafa com o copo, colocados ali para o senhor Ivan, e em vez do odor forte da aguardente espalhou-se o fresco cheiro do creme de leite.

Tarás, embora preocupado em saber onde agora estaria o exército inimigo, nesta preocupação, não menos do que qualquer outro, engolia pastéis tão rapidamente que parecia jogá-los atrás de si; mas Marússia não pensava em comer, e enquanto seus dedos finos quebravam e esmigalhavam um bolo, seus olhos não se desprendiam dos olhos do fazendeiro.

— Vovô, se ele cavalgou para as Papoulas Tortas, então o exército não está mais no Grande Barranco.

— Parece que não, menino, parece que não, — respondeu bondosamente o velho, aproximando-lhe os pratos de comida. — Tu bem que poderias esclarecer a mim uma coisa, Tarás: é necessário saber em que estado se encontram as nossas cestas de pescaria junto ao Grande Barranco.

— Eu as esqueci de todo! — exclamou Tarás e pulou do banco como se fosse atirado de lá por um brusco movimento.

— Eis um fazendeiro! — disse sorrindo o senhor Knych.

— Realmente, vovô, não sei como pude esquecê-los! — Ele estava em frente do avô perturbado, como se não lhe ficasse nada bem esquecer tais coisas no governo da casa.

— Vou rapidamente ver, — disse, voltando a si da perplexidade. Venceu o seu encabulamento e resolveu, o mais breve possível, cumprir a tarefa confiada a ele. Pulou fora de casa, um instante ouvia-se a batida sonora de seus pés, uma vez soou sua voz chamando o cachorro Riabko — e tudo silenciou.

Marússia ficou sozinha com o dono da casa, e agora este estava diante dela, fitando-a com um outro olhar, do que fortemente principiou a bater e saltitar seu coração.

A seus olhos principiou uma mudança maravilhosa, ou antes, uma metamorfose: o senhor Knych transformou-se. Em vez de um ingênuo, simplório, um bondosamente agitado rosto de fazendeiro, brilhavam diante dela olhos agudos, penetrantes, iguais a um facão afiado; todas as suas

rugas bonachonas sumiram, todos os traços se iluminaram; não era esta uma face brincalhona e despreocupada agora; até de tamanho ele cresceu, tornou-se mais largo nos ombros, seus braços pareciam mais fortes.

Alguns instantes o senhor Knych fitava Marússia, e ela o olhava como um passarinho encantado; depois ele falou, e sua voz teve um outro timbre: mais sonoro e duro, que tão pouco lembrava o anterior quanto um violino de cordas quebradas lembra um violino afinado e cantante sob os dedos de um mestre.

— Marússia, — disse ele. — Aqui por perto está um amigo teu e deseja trocar contigo algumas palavras. Querres vê-lo?

Compreendo sua resposta sem palavras, emudecidas pela alegria como por uma faca cortante, deu-lhe um sinal para que o seguisse.

Ele foi para fora. Os olhos de Marússia com alegria e incerteza pararam no montão de pedras antigas, junto das quais tinha ouvido a voz que devolvera sua vivacidade e seu vigor, mas o senhor Knych não se aproximou dele nem a um passo. Ele parou, olhou para todos os lados e assoviou. O cão Corvo, que vigiava junto ao portão, com dois pulos parou diante dele, sentou-se nas patas traseiras, ergueu a cabeça e, inteligente e atento, fitava seu dono, esperando uma ordem.

— Nenhum inimigo perto? — perguntou Knych.

Corvo, em resposta, uivou baixinho e claro, como se falasse: “Esteja tranqüilo!” e, para provar isso, que agora se poderia estar plenamente à vontade, principiou a apanhar e engolir alguns mosquitos, aproveitando o folgado entre sérias preocupações e atos importantes.

Knych novamente conduziu Marússia para o vestibulo, mas, em vez de abrir a porta para a sala, abriu a porta de frente à dispensa, onde havia muitas provisões de tudo que serve para amparar a vida humana; quase não se podia passar entre os sacos de farinha-de-trigo, de cevadinha, painço, ervilhas, sementes de papoula, feijão; a luz era tapada pelas grinaldas de lúpulo, salsichas, maçãs secas; cestos cheios de ovos, que se entornariam por

causa de um passo imprudente, forçavam a pisar com cuidado; da mesma maneira assustavam garrafões e garrafas que impediam o caminho.

Depois de entrar, Marússia escolhia o lugar, onde se podia colocar o pé mais comodamente, mas por toda a parte havia perigo. Volvendo os olhos para o senhor Knych, que fechava atrás de si a porta, percebeu logo junto à soleira um buraco embaixo do assoalho e uma escada que descia ao subsolo.

— Desce devagar, menina, — disse Knych. — Cuidado com os pezinhos.

XIII

Puseram-se a descer pela escada frágil, que cedia e tremia sob seus pesos, como se fosse viva.

Marússia não tinha notado de que maneira se abrisse o subsolo e como se fechara; notou apenas que a escuridão os tinha envolvido.

Quanto mais profundo desciam, tanto mais o ar ficava fresco e úmido, como se dá com as covas, onde jamais penetra um tépido, claro raio solar. De vez em quando sentia que a tocava uma mão segura e fiel, que diligentemente a amparava.

Finalmente a escada acabou e Marússia parou no fundo de uma profunda caverna.

Neste instante, o guia a tomou pela mão e a conduziu atrás de si.

Não andaram muito; depois de apenas alguns passos na escuridão, uma faixa larga da luz do dia caiu de cima e iluminou-lhes um largo subsolo, onde calmamente perambulava o zaporogo; ele estava inteiramente afundado em seus pensamentos, mas não tinha perdido nem um pouco da costumeira atenção e espreiteza: logo viu e percebeu os visitantes.

— Ah, pequena Marússia, minha fiel conselheira! — disse ele, recebendo-os com um sorriso tranqüilo, igual a como se recebem hóspedes numa festa pacífica e agradável.

Ele não demonstrava emoção, apenas um instante seus olhos brilhantes afundaram-se nos olhos da menina, embebidos nele com alegria e esperança.

Existe uma misteriosa força oculta, que trai em certos instantes da vida até um bater de coração profundamente escondido, e o senhor Knych logo adivinhou e compreendeu.

deu que a pequena menina representava para o zaporogo tudo que embeleza, revive, encanta e enche de consolo e carinho uma vida difícil, sombria, solitária e perigosa.

Mal o senhor Knych percebeu e avaliou este fato, pelo rosto dele passou aquela expressão singular de fraqueza, misto de uma vontade de encontrar alguém para acariciar e de amargura, por seus olhos não terem encontrado ninguém e nada semelhante, apesar de procurar por toda a parte; esta particular expressão se apresentou, como se apresentará mais cedo ou mais tarde na vida de cada pessoa solitária, mesmo a mais forte de espírito, mais dura de caráter.

— Vamos, — disse o senhor Knych, — lá adiante podemos nos sentar e conversar mais comodamente; lá pode se ouvir, se alguém por acaso aparecer de supetão . . .

Adiantaram-se mais no subsolo, que se tornava ora mais estreito, ora mais largo, fazendo passar centelhas de luz, ou então novamente iluminado com muita claridade; a luz caía de cima em forma de círculos, de faixas, de estrelas, de triângulos e em diversas outras formas, dependendo da abertura, fabricada pela natureza.

A luz penetrava pela fenda como por uma janela redonda; às vezes um feixe inteiro de raios adentrava pelos pequenos ventiladores, ou então como uma tira estreita tremulava na negra parede de terra. Por toda a parte por onde espiava a luz, estavam fixadas umas escadinhas, e aquele que se escondia na caverna podia à vontade não apenas alegrar-se com a claridade solar, mas também ver o que se passava lá fora, enquanto ele próprio permanecia invisível.

Todos ficaram algum tempo calados, como acontece quando pensamentos ou sentimentos incomodam fortemente e revolvem o coração humano.

— Não somos ricos em tempo, — disse Knych, voltando-se para o zaporogo.

— Em troca, não somos pobres em idéias, — respondeu este. — Não vamos mendigar embaixo do peitoril da janela nem coragem, nem saúde . . .

— A meu ver, se é para se meter a caminho, está na hora!

— De acordo! Apronta-me, amigo! Estou com tanta vontade quanto uma moça para o casamento!

— Então, mãos à obra! — disse Knych.

Andou alguns passos para o lado e logo voltou com um volumoso embrulho de roupas campestres usadas, com uma barba postiça, com sobranceiras e bigodes grisalhos, com uma mochila e uma bandura, como se tivesse tirado tudo aquilo de dentro da terra.

— A menina vai contigo?

— Marússia, irás comigo?

— Irei, — disse Marússia.

— Sabes para onde ir, menina? — perguntou Knych.

— Não sei. Irei para onde ele disser.

Ela estava de ânimo alegre, ensolarado, corajoso, pensando nesta caminhada.

— Eis a roupa para a moça. Que se vista, se pretende ir junto, — disse Knych, tirando do embrulho vestes de menina e oferecendo-as a Marússia, assim como um ágil prestidigitador que enevoou os olhos dos espectadores tira de um ovo um buquê de flores.

— Serás um belo bandurista, senhor amigo! — comentou Knych, olhando o zaporogo vestir as roupas de um músico ambulante. — E terás uma guia sincera! — acrescentou, passando seu olhar a Marússia e sorrindo por ela ter se posto tão prontamente a trocar a roupa, atirando longe sua bela veste e vestindo, animada, uns velhos andrajos.

— Iremos, Marússia, até o próprio senhor ghetman! — disse o zaporogo.

O olhar alegre com que ela respondeu o fez pensativo, porém não por muito tempo.

— Enquanto nós nos aprontamos para a viagem, senhor amigo, por favor, endireita o nosso juízo. Conta o que se passa por aqui. Mais de um mês eu rondo no meio do povo e até agora nada sei de certo: há mais concórdia entre as mulheres da feira de que aqui entre vós todos, na gloriosa Ucrânia!

Knych ficava sempre de novo observando a fantasia de ambos e, como um homem que mais lida com precaução do que com sinceridade e coragem, em vez de

concordar ou negar, de vez em quando passava os dedos pela bandura que segurava nas mãos.

— Tens algumas notícias? Tu conversas livre, sem pressa, e meu assunto é tão apressado quanto um beijo na corrida... então compreendes e reletes melhor do que eu, — continuava o zaporogo.

— Pois bem, — respondeu Knych, — o povo se queixa... Naquele da outra ribeira há muito tempo ninguém se fia, e no desta ribeira já não se consegue acreditar... Os tempos estão inseguros... De um lado — moscovitas, do outro — polacos, do terceiro — tártaros, e em casa dois ghetmans, um esmagando alho no outro...

— Contaram-me que o nosso está com a saúde abalada. É verdade?

— Não estive doente, porém emagreceu; não há do que se surpreender; a desgraça torna o caranguejo vermelho!

— E aquele?

— Aquele outro? Se queres colher notícias boas sobre ele, andarás pela Ucrânia inteira e voltarás de mãos vazias, mas se procurares más notícias, poderás ensurdecer de tantas queixas por toda a parte.

— Quem dos nossos está junto dele?

— Antin ainda está agüentando, mas diz que isso já está superando suas forças. "Nunca me senti um tamanho farrapo", diz. Porém lembra-te: ele tem uma boa mulher.

— Será? Aquela grande senhora?

— Sim, aquela grande senhora. Às vezes no meio de urtigas cresce o tirso.

— De onde ele a trouxe?

— Não sei.

— Se for um bago do campo deles, não acredites nela: será sempre o mesmo veneno, só com outro sabor. Então, o nosso decaiu?

— Decaiu.

— Quem é seu conselheiro agora?

— Ninguém. Está sozinho, igual a uma águia atingida.

— É duro.

— Sim, é duro.

O zaporogo estava pronto e tomou a bandura das mãos de Knych. Marússia também estava pronta, e todos saíram do subsolo. Bandos de soldados que passavam à noite junto do sítio, viram um venerável tocador de bandura sentado no banco junto à casa do senhor Knych, dedilhando as cordas, cantando com floreios os salmos sacros, enquanto a sua guia, aproveitando o folgado, dormia na relva. O senhor Knych, de cabeça inclinada, escutava pacientemente e um tanto temeroso aquelas cantorias religiosas, sentindo de maneira nebulosa que nem sempre andava pelos caminhos indicados nos salmos.

XIV

Ao crepúsculo, o bandurista com a sua guia estavam já perto do acampamento, que espalhara suas tendas próximo ao rio, na colina, no meio de um campo amplo, cheiroso e viçoso.

As sombras noturnas tornavam-se cada vez mais espessas, só no ocidente brilhava a nesga de um vermelho vivo da estrela Vésper.

No acampamento reinava um grande silêncio. As sentinelas, douradas pelos raios da tarde, por causa da sua imobilidade e seu brilho, pareciam fundidas de metal. Algumas figuras passavam rapidamente, apressadas, algumas outras perambulavam devagar; numa tenda, apesar de que a luz do dia ainda não se tivesse apagado, via-se através da lona branca uma vela arder; de vez em quando cá e lá tinia uma arma ou soava um chamado.

Perceberam e escrutavam o bandurista ainda de longe, mas ele se aproximava devagar até o acampamento e com isso não causava suspeitas nem cuidados.

Sua aparição, via-se bem, para muitos era agradável; quando tocou na bandura, e devagar, solenemente, cantou um salmo sacro, todos escutaram pensativos.

Muitas cabeças com faixas ensangüentadas se levantaram com o visível propósito de atirar uma esmola ao cantor, mas a fraqueza obrigou uns a gritar de dor, outros a sorrir tristemente; um acenou à guia para que se aproximasse, mostrando-lhe de longe uma moeda.

Porém a menina estava hesitante, o bandurista nada lhe dizia, provavelmente porque, tendo olhos tão velhos, não enxergava este aceno.

— Chega perto, menina bonita, — disse o ferido.
— Eu não te mordo, só te dou uma moedinha.

Outras mãos também se estenderam com esmola, outras vozes igualmente a chamaram e ela deu uma volta fazendo reverência, com a mão trêmula colhendo esmolas, enfrentando olhares amigáveis e ouvindo saudações brincalhonas.

Mas aí a bandura pôs-se a soar tão poderosamente que atraiu todas as atenções a si.

Que espécie de canto era este, não se podia distinguir claramente: algo como um hino severo, ou algo como um doloroso gemido.

Todos se calaram ouvindo, entusiasmados pela força incompreensível, esquecendo inteiramente a menina tímida de cabeça inclinada e mãozinhas trêmulas. Todos ficaram enfeitiçados pelo bandurista.

No transparente, calmo ar, na névoa que cintilava na tarde rósea, soava, tremia e se espalhava a canção:

Ó abelheiro-companheiro,
Não faze à beira do Desna teu ninho!
Pois as águas do Desna sobem cada dia,
Afogam teu ninho com tua cria!

Um jovem oficial, belo como um quadro, saiu da tenda, contente consigo mesmo e bravo, com atitude guerreira e bélica expressão no rosto.

Saiu, era evidente, por tédio, sem ter o que fazer, mas ouvindo o canto do bandurista parou, cessou de fazer rodelas de fumaça; depois até esqueceu o seu cachimbo, perdeu a expressão militar na face e na figura inteira.

Lembrou-se de alguma coisa havia muito abafada e esquecida.

Como às vezes te transformas estranhamente, ó imagem humana!

No rosto do oficial, que alguns instantes antes ostentava, digamos, uma parada militar, agora apareceu algo diferente.

Até os traços faciais pareciam mudados. Na reta testa vertical apareceram rugas, que talvez desde a nascença nunca tinham estado ali; os lábios que traíam como seu maior adorno a autocomplacência e um sorriso um tanto arrogante, agora se juntaram; os olhos, que tiveram

por costume só olhar de maneira guerreira, se abrandaram.

O severo canto do bandurista, cheio de mau preságio, mudou para um outro, de saudade trágica sem esperança, assim que um dos moscovitas feridos exclamou:

— Está arrancando as minhas veias!

Ficou triste a Ucrânia
De dores e penas,
Pisoteiam hordas brabas
Crianças pequenas.
Matam velhos, incendiam
Cidades inteiras,
E mulheres e donzelas
Levam prisioneiras.

Escutando esse ingênuo relato, o oficial parecia perguntar a si próprio algumas coisas sobre as quais antes não tinha nem pensado em perguntar. Poder-se-ia ter certeza de que agora não exclamaria com a mesma coragem de antes:

— Mete fogo!

Um moscovita bigodudo que lembrava com sua cor e com os membros de seu corpo mutilado uma velha estátua de latão de trabalho tosco, no princípio ouvia os cantos, soturno e imóvel, depois se afastou, em seguida desapareceu atrás da tenda, deitou na relva, cobriu-se com seu casaco de campo, e sobre sua face curtida correram lágrimas quentes, lágrimas que não se traíram nem com soluços, nem com suspiros, inteiramente silenciosas, mais quietas do que a benéfica chuva primaveril na estepe.

De repente o canto parou; a bandura soou rápido, mais rápido e ainda mais rápido e logo no acampamento militar espalharam-se sons dançantes:

Uma moça vende seu casaco,
Compra um cachimbo a seu cossaco;
Um cachimbo vale um casaco,
Quando a moça ama o seu cossaco!

Joga a tua alma no buraco,
Pra comprar um saco de tabaco,
A alma vale de tabaco um saco,
Quando a moça ama o seu cossaco!

Por toda a parte espalhou-se a gargalhada; alguém principiou a cantarolar e a marcar o ritmo com a cabeça.

— Que bandurista! — ouviam-se vozes. — Que bandura!

Muitas canções alegres cantava ele ainda para o gáudio dos soldados, e não sem pena eles o despediram, alegrando-se com a sua promessa de voltar e consolá-los.

— Para onde vais? — diziam alguns. — É noite lá fora, e os inimigos são traiçoeiros...

— O velho não teme assalto, — respondeu partindo o seguro bandurista e logo sumiu com a sua guia na névoa da noitinha estival.

XV

Já as estrelas brilhavam no céu, e o zaporogo com Marússia caminhavam sempre pela calma infinita, sonolenta estepe.

Tudo em volta deles calava, e eles próprios não diziam uma palavra.

Para que falar quando se vai em boa companhia para uma causa justa?

Era bom caminhar assim, juntos, pela estepe em madorna, no meio do silêncio noturno, sentindo apenas como batia o coração transbordante!

Não sabiam se caminhavam por muito tempo, e não vamos enumerar tudo; as horas passavam lindas, por isso era difícil contá-las, — elas próprias voaram que nem aves.

Eis que diante deles cintilaram uns pontos, piscaram fogos pela neblina, e logo na névoa se desenharam escuros contornos de muros e edifícios.

Sombria, soturna parecia a cidade que negrejava na escuridão noturna e faiscava com miúdos grãos de fogos. Não se ouvia o costumeiro, apressado barulho, não se via a agitação intensa da cidade; ali se revelava uma vida bem diferente com seu ecoar de passos e vozes. Como na natureza antes da tempestade, assim nesta cidade tudo respirava prontidão de ataque e defesa. Não se pode dizer o que era que manifestava isso, porém ficava visível tanto nas humildes, baixas casinhas no meio dos jardins, como no alto campanário e nos antiquíssimos muros e trincheiras recentemente cavadas. Tudo aí dava impressão de uma cidade em pleno alarme, apesar de que os rouxinóis de modo primaveril cantassem e trinas-

sem nos pomares, e figuras femininas calmamente passassem pelas ruas.

Ninguém lhes gritou quando se aproximaram da porta da cidade; eles entraram por ela sem impedimento, mas parecia que cada par de olhos os notara e seguia-os atentamente.

— Hê, irmão! — chamou o zaporogo, dirigindo-se a um jovem cossaco que aguardava algo, apoiando-se na cerca junto a uma casa com janela iluminada. — Hê, irmão! Mostra, por favor, ao velho bandurista o caminho até o senhor ghetman.

O jovem cossaco levantou um pouco o gorro e apontando a escuridão da rua, semeada, como por centelhas, com os reflexos das janelas, falou:

— Quando passar esta rua, à direita estará a casa do ghetman.

Eles agradeceram ao cossaco, passaram a rua indicada e adivinharam qual era a morada do ghetman do lado direito pelo fato de estar ela mais iluminada e porque duas moças pararam em frente, olharam pela janela e disseram:

— O senhor ghetman, parece, não está dormindo.

Naquela janela claramente se via o contorno da cabeça de um cossaco bigodudo, parecendo ser esculpido de pedra negra, inclinada sobre o braço em profundos pensamentos. Escutando, poder-se-ia ouvir passos viris pelo cômodo, ora lentos, ora apressados — estranhamente nítidos passos.

O zarapogo bateu na porta.

Os passos no cômodo logo se quedaram e seguiu-se um silêncio total.

— Os companheiros mandam ao senhor ghetman cumprimentos, — disse o zaporogo, entrando em casa de mãos dadas com Marússia.

Era um cômodo simples; a porta que conduzia ao segundo estava fechada.

— Agradecemos a graça dos companheiros! — respondeu o cossaco bigodudo indiferentemente gentil, como se tais visitas fossem coisa corriqueira.

— E será que se podem ver os claros olhos do ghetman, irmão? — perguntou o zaporogo.

Porém a porta do segundo cômodo já se abrira, e o próprio senhor ghetman estava diante deles, indagando sem palavras: de onde vieram os hóspedes? E com que notícias?

A claridade do fogo não o iluminava inteiramente, porém com faixas e centelhas, de cima, de baixo e de lado. Ele estava todo na sombra negra e na cintilante luz rendada. Não se podiam ver claramente os traços de seu rosto, só os olhos agudos e indagadores ardiam na penumbra quais dois carvões.

— Saudação ao senhor ghetman! — disse o zaporogo ao vê-lo e fez uma profunda reverência.

Marússia também inclinou-se profundamente diante dele.

— Obrigado, — respondeu ghetman. — Que cantos nos cantarás, gentil bandurista?

A própria voz já traía um homem que estava acostumado a mandar e não a executar ordens, — uma pessoa que tinha por hábito expressar seus desejos e pensamentos e sem hesitação ou medo lutar por eles e defendê-los.

— Só meus próprios, senhor ghetman, pois que não estou na carroça dos outros e não preciso cantar em troca de favores alheios.

O senhor ghetman não respondeu nada, porém nenhuma palavra poderia expressar melhor surpresa, ira e dor do que este silêncio.

— De onde Deus te manda? — perguntou.

— Da Sitch Zaporoga, — respondeu o cossaco. — Os companheiros enviam saudações ao excelentíssimo senhor ghetman.

— Agradeço, — disse este. — Peço que entrem no meu aposento.

O zaporogo seguiu o ghetman ao próximo cômodo, a Marússia, que sempre ainda segurava sua mão, entrou também.

Não havia aí nenhum adorno especial: as mesmas paredes brancas, os mesmos bancos de tília como em qualquer casa cossaca, porém uma quantidade de diversas e ricas armas pendia das paredes ou estava apoiada

nos cantos do cômodo; na mesa jaziam o bastão de chefia e alguns papéis.

As casacas do ghetman estavam penduradas nos ganchos e suas bainhas reluziam. A cama parecia inacessível ao sono e ao descanso; o travesseiro caído da cabeceira claramente dizia em que febre e dor estava a cabeça que se inclinava nele por pouco tempo.

— Sentem-se, disse o senhor ghetman.

Ele próprio sentou-se, inundando no zaporogo seus olhos de fogo.

Todo o seu corpo visivelmente tremia, como se ele se contivesse e este bridão o incomodasse e aborrecesse.

— Desculpai, senhor ghetman, — respondeu-lhe o zaporogo, — vede, tenho uma guia pequena que está cansada, até murchou; ela deve repousar, pobrezinha...

O senhor ghetman levantou-se e, tirando do gancho mais próximo uma suntuosa casaca, jogou-a para o zaporogo. Depois seus olhos deram num tapete persa que cobria uma larga poltrona; ele o tirou num gesto e também o lançou ao zaporogo, vendo com impaciência como este se preocupava com a sua guia.

Nenhuma babá poder-se-ia comparar com ele na ligeireza e jeito com que estendeu num banco o tapete persa, com invenção improvisando uma cabeceira sem travesseiro; e que babá poderia com mais cuidado e carinho levantar Marússia e mais meigamente colocá-la neste leito e cobri-la com a casaca do ghetman?

Com que alívio o corpo cansado tocou este berço, preparado pela fiel e confiável mão!

Porém a menina não pôde dormir; o sono fugia.

Ela nem dormitava: sob o preguiado abundante da casaca do ghetman seus olhos sem querer eram invencivelmente atraídos pelos dois interlocutores: ela observava o mínimo de seus gestos, captava a menor expressão de suas faces.

Eles estavam sentados um em frente do outro, à mesa, e a luz clara de uma vela de cera, que tremulava, nitidamente iluminava seus rostos e suas estaturas.

Quão monumental era o corpo do zaporogo! Sua força e beleza enchiam o coração da menina com grande respeito e esperança.

Mas a segunda figura!

Sua alma enchia-se de tristeza e temor, quando olhava aqueles olhos fundos, que soturnos e irrequietos cintilavam sob as sobrancelhas pendentes; as rugas precoces, que riscaram a alta e nobre testa; todos os vestígios de ruína, provocados por um fogo interior — um fogo que talvez nunca se apagaria e queimaria sem cessar.

Os dois conversavam em voz baixa e contida.

Ela escutava por muito tempo esta conversa, como se escuta o longínquo bramido do mar.

Finalmente o cansaço a venceu, seus olhos logo se fecharam e ela adormeceu.

XVI

Marússia dormia, como se dorme no litoral do mar: dormes e escutas que em torno de ti há uma temível voragem e captas no sono seu selvagem bramido, e apesar de que na cabeça se juntam muitas coisas próprias suas, sem parar ficam visíveis ondas infindas daquele mar que se balança e rumoreja.

Ela parecia ver a fazenda paterna, o perfumado pomar de cerejeiras, os próximos rostos amados, porém tudo aquilo, não é que desbotava, mas antes diluía-se na névoa, passava para um outro plano; no primeiro plano, em cores vibrantes, brilhavam novas imagens.

De repente ela acordou e logo se ergueu no leito.

O zaporogo estava sentado, como antes, apoiado à mesa e, como antes, seus olhos brilhavam iguais a duas estrelas calmas e retas, iguais a um verdadeiro luzeiro.

O senhor ghetman também tinha olhos de fogo, mas do modo diferente; o coração desmaiava de dor sentindo que destes olhos a cada instante poderiam cair ardentes, desesperadas lágrimas. A sua testa orgulhosa tornara-se lívida de um profundo martírio, e suas numerosas rugas pareciam cavar-se cada vez mais fundo.

— Choraria um cego se pudesse ver o caminho? — proferiu ele afinal. — E o tempo passa! O tempo passa! E não há concórdia! Ajuda não vem. Sei que me adentrei numa água traiçoeira, bem que sei! Também vocês não alcançarão a feliz ribeira! Estou prevendo que fim teremos!

Sua voz quebrou-se.

O zarapogo calava, só olhava-o atentamente.

Logo ele recomeçou:

— Então pensaram que já caí na tentação dos dinheiros de Judas, não é? Boa gente, boa gente! Vocês . . .

— Senhor ghetman. — com respeito interrompeu-o o zaporogo. — Permitti que eu vos conte uma fábula sobre dois cães.

— Conta!

— Havia dois bons cães...

— Sei, sei, sei!

O senhor ghetman caiu às cegas junto à mesa, esticando nela suas mãos e sepultando nestas a cabeça.

Não se via sua face, mas só pela inclinação da nuca que não sabia curvar-se, poder-se-ia estimar quanto pesa às vezes o gorro de um ghetman.

Assim ele ficou imóvel alguns instantes.

O zaporogo ainda o olhava atentamente com seus olhos astrais; parecia que não lhe era preciso dirigir-se a seu interlocutor com quaisquer perguntas, explicações ou conversas.

Finalmente o senhor ghetman levantou a cabeça.

— Então, eu devia, a vosso ver, entregar a cabeça que tem responsabilidades para convosco?

Sua voz era contida, porém ouvia-se nela profunda amargura envenenada: a face pálida se encolhia.

— Nós juramos, senhor ghetman, entregar nossas cabeças onde se deve, pela terra nativa. Não é questão de nossas cabeças.

O senhor ghetman levantou-se rapidamente, chegou perto de uma prateleira ao canto, de onde tirou tinteiro, pena, papel, levou tudo para a mesa, ajeitou para escrever e de novo afastou-se até a janela, olhando a escuridão perfumada da noite tépida, as estrelas cintilantes, e de lá pronunciou em voz surda, como se a sua garganta estivesse sufocada por uma mão de ferro:

— Eu lhe escreverei tudo o que for preciso.

— É uma boa ação, — respondeu o zaporogo.

Novamente alguns instantes reinava o silêncio.

Nesse ínterim, os olhos do zaporogo encontraram-se com os de Marússia, e com um gentil aceno da cabeça e um sorriso ele lhe deu a entender que devia novamente deitar-se e descansar.

Ela, porém, em resposta apontou para o ghetman.

Entendendo o que a martirizava, o zaporogo novamente lhe deu um sinal tranqüilizador.

O senhor ghetman foi à mesa e principiou a escrever. A carta era importante e lhe era difícil redigi-la. Quando terminou, deu-a para o zaporogo.

— Lê! — disse.

O zaporogo correu com os olhos a folhinha escrita, dobrou-a e, pegando no seu gorro de bandurista, com cuidado a colocou atrás do forro.

— Quando a entregarás? — perguntou o ghetman.

— Logo que Deus e uma boa sina o permitam, — respondeu o zaporogo.

Dizendo isso, levantou-se.

— Já vais? — perguntou o ghetman.

— Vou, senhor ghetman. Vivei com saúde!

Marússia também pôs-se de pé.

— Não me abandonarás? — perguntou.

— Não te abandonarei, — respondeu-lhe o zaporogo, levemente inclinando para ela sua face morena. — E se estiveres cansada, carregar-te-ei nos braços.

Marússia pegou na sua mão.

— Meus cumprimentos, senhor ghetman, — disse o zaporogo, fazendo uma profunda reverência.

— Ele nos venderá! — surdamente disse o ghetman.

— Deus misericordioso não há de permitir, — respondeu o zaporogo.

— Com ele não se pode ser sincero! — exclamou o ghetman. — Não se pode...

— Não importa, senhor ghetman. Quem não tem cão, caça com gato, — respondeu o zaporogo. — Tende saúde e aguardai-nos! Vamos, pequena Marússia.

Eles saíram dos aposentos do ghetman e foram novamente até a patrulha da cidade.

Por toda a parte as ruas estavam silenciosas e escuras; os pomares de cerejeiras meigamente branqueavam, em voz abafada, algures, marejava a água.

Depois de alguns passos, Marússia voltou-se e olhou para a casa do ghetman.

Na porta aberta, pela qual tinham acabado de sair, estava o senhor ghetman, que olhava atrás deles.

Na luz opaca das estrelas cintilantes, sua figura mal se distinguia, mas mesmo esta imagem imprecisa era repleta de tal sofrimento que o coração da menina bateu dolorosamente.

— Ficaste cansada, Marússia? — perguntou o zapo-rogo, trilhando o caminho pelas ruelas sinuosas.

— Não, — respondeu ela — é bom andar. Posso ir longe, se quiseres, e para onde quiseres! . . . Iremos longe?

— Bem longe.

Um tempo andaram em silêncio. Duas ou três vezes iam-lhes ao encontro ou passavam por eles os burgueses de Tchyghyryn, — todos eles fortes e sadios, que pareciam apenas por acaso olhá-los e depois seguiam seus caminhos.

Junto à patrulha, levantou-se da terra um gigante com bigodes de comprimento de quase um côvado e ficou de pé, igual a um campanário de igreja.

— Para onde Deus o manda, gentil senhor bandurista?

— Onde vive boa gente, prezado patrício.

— E se encontrar gente má, senhor bandurista?

— Quando alguém tem medo de lobo, não deve colher bagos silvestres, patrício.

— Se eu fosse um forte cossaco, senhor bandurista, eu te faria uma reverência e te pediria . . . porém sou um cossaco tímido.

Marússia queria ver melhor aquele “tímido”, porém sua cabeça estava tão longe dela, que ela só pôde perceber seus bigodes pendentes, iguais a feixes de fresco capim da steppe.

— Não importa, tenha coragem, — disse o bandurista.

— Canta para mim uma balada.

— De acordo.

O bandurista tocou baixinho no seu instrumento e cantou em voz baixa:

Ouçam cantares sobre a Ucrânia
E sobre os feitos cossacos,
Lá sob Soroka, o túmulo grande,
Sumiram muitos polacos.

Quando o canto parou, o “tímido” cossaco deu um passo para o lado, e o bandurista com Marússia, livres, passaram a patrulha.

A estrada corria longe, longe, qual uma cobra negra pela macia, viçosa relva. Nos pomares de Tchyghyryn cantavam rouxinóis.

XVII

Passaram-se justamente duas semanas depois do encontro com o senhor ghetman, quando numa bela e tranqüila tarde o velho bandurista com a sua guia aproximavam-se devagar de uma aldeia queimada.

Via-se que estes vagantes não se permitiam um repouso gratuito: os olhos fundos brilhavam com um fogo febril nas faces empoeiradas e bronzeadas; os lábios tinham secado e rachado.

No entanto, eles iam animados e calmamente conversavam. Não encontravam nenhuma alma viva no caminho; por toda a parte reinava silêncio, calma.

Diante deles negrejavam casas e pomares queimados, ao longe fumegavam aldeias e sítios.

Passando por uma rua queimada, na qual já verdejavam manchas de um gramado aveludado recente, eles se dirigiram para uma cisterna destruída, cheia de lascas de madeira.

— É bom beber uma água fresca de poço! — disse o bandurista.

Pronunciando isso, ele meteu a mão numa bolsa funda à tiracolo, retirou de dentro uma concha de pau, espantou as lascas que nadavam na superfície, hauriu água e ofereceu à sua guia com um sorriso amigo que claramente dizia quanto ele estava feliz e contente.

— Faz favor, Marússia, — disse.

— Obrigada, — respondeu ela.

Também Marússia claramente mostrava com o sorriso que estava feliz e contente com o seu companheiro.

Ela se precipitou com os lábios queimados à concha de água fria; porém, saciando a sede, fazia isto distraída; seus olhos observavam irrequietos, tristes e compadeci-

dos a cisterna destruída e, no fundo, a superfície da água, coberta de estilhaços queimados de madeira.

De súbito ela exclamou:

— Ah!

Exclamou, como se finalmente tivesse achado o que esperava tão ansiosamente. Seu rosto enrubesceu, os olhos brilhantes tornaram-se úmidos e dirigiram-se ao companheiro.

O olhar com que este a fitou, ouvindo sua exclamação, não era indagador, porém de triunfo brincalhão, como os pais fazem ao lembrar a filhos distraídos que cometeram uma nova falha, apesar de que muitas vezes haviam prometido não errar.

— Ai, como exclamaste em voz alta! — disse. — A água do poço deve ser muito gostosa, Marússia.

Marússia de novo enrubesceu, mas seus olhos não brilharam mais, apagando-se rapidamente, suas sobrancelhas caíram e o rosto enviado claramente dizia:

“De novo não agüentei!”

— Pois bem, o que caiu da carroça já se foi! — disse o bandurista. — Não nos entristecemos. Nem todos os nossos barcos afundaram. Basta, Marússia! Não seles teu coração, não afundes no chão teus olhos, não apertes teus lábios. Aqui, no lugar queimado, não há ninguém para nos ouvir ou espionar. Vamos sentar e nos refazer, depois iremos adiante.

Ele tirou da bolsa um pedaço de pão, alguns pepinos frescos e uma bolsinha com sal, e os peregrinos fizeram uma merenda.

O que foi que fez Marússia exclamar de alegria, como se tivesse encontrado ali um tesouro esperado e não esperado?

Nada era visível junto do poço destruído e semiqueimado, salvo estilhaços virados carvão.

A não ser um trançado fresco de verde pervinca que girava na água revolta junto com os estilhaços carbonizados.

E ainda: como chegara até lá um trançado viçoso?

O bandurista e sua guia ou não sabem nada disso, ou isso não lhes interessa nem um pouco, pois conver-

sam sobre a cidade de Baturyn e não mencionam a pervinca com uma palavra sequer.

Terminaram de merendar.

— Descansaste, Marússia? — perguntou o bandurista.

— Descansei bem! — em voz alta respondeu ela.

Ei-la novamente de pé com a bolsa à tiracolo, olhando o seu companheiro com olhos brilhantes.

Antes de partirem do lugar de descanso, seu amigo fez deslizar o bastão de ancião pelo poço, tirando de dentro o trançado de pervinca.

— Marússia, — disse ele — isso dará uma grinalda muito bonita.

Marússia pega no ramalhete oferecido, sacode dele a água e rapidamente envolve com ele a cabeça.

— É uma linda grinalda! — diz ela.

E o tocador de bandura com sua guia continuam animados, seguindo em paz sua rota.

— Agora já estamos próximos, — disse o bandurista. — Não brilhará ainda o primeiro astro e já teremos visto a colina-túmulo “Naddniprianka”.

O sol já se pôs, a neblina da tarde se espalhou, uma neblina singular: dourado-vermelha. Árvores novas, arbustos copados e a alta relva que cobriam a colina abraçavam calmamente: cada ramo, cada talo tão nitidamente se delineavam no horizonte que era doloroso aos olhos fitá-los. Uma cruz negra, quebrada, estava tão meigamente iluminada que assemelhava-se com veludo, e as aves que acenavam nas alturas pareciam, por um feitiço, assumir as cores do arco-íris, depois escureciam, depois de novo tornavam-se irisadas, conforme a direção que tomavam.

Do túmulo via-se o rio Dnipró.

Ele parecia de lá uma enorme bacia de metal cinza-negro. Do outro lado erguiam-se montanhas cobertas de florestas — embaixo, inteiramente negras, em cima, como que cobertas por um fogo dourado.

Ouvia-se das profundezas o bramido de água e o sonoro murmúrio dos juncos; em torno sentia-se um frescor singular; de vez em quando no silêncio uniforme espalhava-se o cantarolar do abibe da estepe, e ele próprio passou rápido sobre o rio como um ponto mal perceptível.

— Aqui nós nos sentaremos e vamos cantar, — disse o bandurista:

Os nobres duques, senhores valentes,
Devoram campos e prados das gentes! — rolou o canto sobre as águas, trovejou nos matos e ecoou longe, além das montanhas.

Terminado o canto, o bandurista tangia alguns instantes as cordas do seu instrumento, enquanto seus olhos agudos permaneciam imóveis, afundados no rio Dnipró. Marússia também não deixava o rio dos olhos.

De repente, bem próximo dos caniços, gritou um abibe. Os olhos do bandurista reluziram mais claros, e novamente sobre o rio soou uma canção:

Ninguém vive mal no mundo,
Como um jovem vagabundo!
Hê, hê, como um jovem vagabundo!

Nas andanças, nos abrolhos,
O suor lhe banha os olhos.
Hê, hê, o suor lhe banha os olhos.

De novo perto, nos juncos, ouviu-se o grito de um abibe.

Mesmo quando ele trabalha,
O patrão apenas ralha,
Hê, hê, o patrão apenas ralha.

Bom trabalho já não vinga,
E a patroa sempre xinga,
Hê, hê, e a patroa sempre xinga!

Do lado de onde gritava o abibe, dos juncos, saiu uma pequena e estreita canoa que mal se distinguia da água escura, deslizando rapidamente até uma pequena baía, formada pela própria natureza, justamente em frente do túmulo "Naddniprianka".

Olhando atentamente, poder-se-ia perceber opacos contornos de um navegante, ou antes, de seu alto gorro.

Mesmo não o vendo, seria possível deduzir que sua mão era forte e certa. Esta mão tratava o remo como um brinquedo. A canoazinha voava pela água como uma leve penugem ao vento.

— Bem, Marússia, — disse o bandurista. — Está na hora de descermos até a ribeira.

Não escolhendo um caminho, pois não havia atalhos pisados, desceram rapidamente do túmulo, contornaram um pedregoso promontório e pararam embaixo, bem junto ao rio, que resvalava suas águas contra os capins ribeirinhos, embanhando-os com uma estreita nesga de espuma branca.

— Sejam bem-vindos e benquistos a Deus! — saudou-os uma gentil voz conhecida.

A canoa leve foi puxada para a areia ribeirinha e, junto dela, apoiado o queixo no remo, estava o bondoso fazendeiro, senhor Knych.

— Saudações! — respondeu o bandurista, levantando o gorro.

— Então, menina? Estás viva e de boa saúde? — perguntou o senhor Knych, fitando atentamente Marússia com claros olhos de água.

— Tudo bem, — disse Marússia.

Mesmo se ela não o dissesse, ele facilmente poderia ler sua resposta em cada veia de seu rosto vivo. Porém, como pessoa que estava acostumada a não fiar-se numa única, embora claríssima prova, ele, ainda não satisfeito com o testemunho do rosto da menina, sorrindo e alisando seus cabelos, deu uma rápida olhada a seu companheiro.

Este, justamente, estava mirando Marússia a sorrir. Ao senhor Knych pareceu aquele sorriso bastante loquaz, pois parou de observá-los e dirigiu seus olhos para o rio Dnipró.

— Vamos partir daqui a pouco? — perguntou o bandurista.

— Sim, logo. Será bom navegar tão calmamente... Está tão tranqüilo que não se ouve nenhum sussurro... Se não fosse o frescor da água, estaria abafado.

Percebia-se do rosto e da fala do senhor Knych que ele se alegrava muito por causa desta calma, pois as

palavras sem querer saíram da sua boca; assim acontece quando uma pessoa fica toda tomada por um sentimento.

De repente gritou um abibe, aparentemente atrás das costas do senhor Knych. Logo, de longe, mas da mesma ribeira, ouviu-se em resposta um grito igual.

— É um casal, — observou o bandurista.

— Oh, sim. Estes pássaros têm um bom ouvido, — disse o senhor Knych, sentando-se na canoa. — Senta-te, menina, — dirigiu-se ele a Marússia, oferecendo-lhe a mão.

— Onde está o segundo remo? — perguntou o bandurista, pulando para dentro da canoa tão leve e habilmente, que esta nem se balançou.

— No fundo da canoa. Vamos!

A canoa rapidamente deslizou na água e voou pelo Dnipró escuro.

XVIII

É bellissimo navegar ao longo de um grande rio na tépida noite estival.

Estrelas ardem acima, estrelas ardem embaixo, acima nada a lua, embaixo nada a lua. “Ali estão ribeiras”, — pensa-se, olhando líneas escuras. “Ali, sem dúvida, cresce um pinheiro, pois de lá soprou uma brisa com olor de resina; e acolá, decerto, crescem flores sem conta, pois o tépido vento veio voando e pareceu jogar no rosto um recém-colhido buquê de flores, marejado pelo sereno noturno.”

— O que há de novo? — perguntou o bandurista.

— Pouca coisa, — respondeu o senhor Knych, manejando o remo.

— Como assim?

— Tão pouco, que uma criancinha poderia pegar com dois dedinhos.

— Ele está em casa?

— Está. Frita capões, pois espera hóspedes insaciáveis.

— Bem, se frita capões, tem um plano. Em vão não há de esbanjar, não é tão generoso assim.

— Quem adivinharia o que se passa na sua cabeça: tem tantos planos quanto um cão veredas.

— Contudo, não há de pular dentro do sacrário; a não ser, por acaso.

— Isso sim. E que tal o outro?

— Eh, se todos fossem como Aquele, o povo ainda teria a sua vez no mundo. Aquele é gente. Possui alma, e quanto for ao céu saborear bolos recheados, não há de se queixar de que penava cá embaixo.

— Escreveu a carta?

— Escreveu. Não lhe era fácil escrever! Encolhia-se todo, que nem uma casca de bétula no fogo.

— Com isso, a metade da obra está feita. Seja dada graça ao Senhor por isso. Este cá gosta de embromar . . .

— Talvez, mas comigo pouco vai conseguir. Sou truta que já dançou no anzol . . . Marússia, estás cansada? Deita e repousa! Eu contarei um conto de fadas para ti.

— É uma obra importante, — comentou Knych.

— Não quero dormir, ficarei sentada, — começou Marússia.

Porém dois braços fortes em um instante, num gesto só, estenderam no fundo da canoa um casaco de tecido grosso, levantaram Marússia e cuidadosamente a deitaram sobre aquele leito.

— Contarei um conto, — repetiu o zaporogo.

— Ai, que delícia! — disse Knych. — Infelizmente tenho só dois ouvidos; se eu pudesse, pediria ainda uns vinte emprestados, para escutar com todos eles!

— Vivia outrora um cossaco, — principiou o zaporogo, — um cossaco bom, piedoso, mas tolo. Assim, exteriormente, parecia em ordem, também suas primeiras palavras davam impressão de sensatez, mas quando se aprofundava nele, havia lá dentro tanta tolice que outros cossacos inteligentes ficavam ébrios dela, como de umas ervas venenosas. Este cossaco quis construir uma casa, e então disse à sua mulher:

“Bem, minha velha, irei construir uma casa como igual não há ainda na terra. E também irei fazê-la diferentemente dos outros.”

“Como assim?” — perguntou a mulher.

— Ele só piscou com a sobrancelha, como se quisesse dizer: “Não penses que sou tão tolo de contar!” Riu e foi à floresta . . .

— Olhem! — exclamou baixinho Marússia. — Olhem! — E apontou à frente deles, para a direita. Porém Knych, que estava com a face voltada naquela direção, apertava já um pouco os olhos aquilinos, como quem repara e reconhece coisas conhecidas.

O zaporogo não se moveu, quando Marússia exclamou, apenas indagou a Knych:

— O que é?

— São eles, — respondeu este.

Numa língua de areia, que igual a uma fita prateada entrava nas águas escuras, reluzindo de estrelas, — estavam dois homens vestidos de casacas de pano, cabeças cobertas por gorros, parecendo aguardar a canoa que se aproximava.

Apesar de que até a língua de areia havia uma distância de um bom quarto de légua, os dois que aí estavam, tão clara e nitidamente se destacavam no ar, que Marússia logo reconheceu as figuras amigas de Semén Vorochylo e Andry Kruk.

Quanto mais a canoa se aproximava, mais ficava evidente que os cossacos, aguardando alguém, não estavam contentes.

Andry Kruk, de pé, apoiado num bastão, fitava sombrio a canoa; Semén Vorochylo aparentemente meditava sobre algo triste. Sua mão esquerda sem parar fazia gestos com que as pessoas costumam mostrar sua indignação, contando sobre esperanças, amigos ou inimigos que os traíram.

Quando a canoa tocou com a quilha a língua de areia, os dois cossacos tiraram os gorros e disseram:

— Paz e saúde!

— Paz e saúde! — responderam Knych e zaporogo. Eles se fitaram por alguns instantes uns aos outros.

Os rostos de Knych e do zaporogo estavam tranqüilos, seus olhos atentamente fixos em dois cossacos, nada mais.

Os rostos dos dois cossacos estavam obviamente sombrios, seus olhos, não é que evitassem encontrar os dos amigos recém-chegados; pareciam, no entanto, esquivar-se sob as sobranceiras caídas.

— Levem a canoa por aqui, até aquela ribeira, — disse sombrio Semén Vorochylo. Dizendo isso, foi zelosamente ajudar Knych a puxar a canoa.

— Marússia, — lembrou-se o senhor Knych, tirando um embrulho escondido no peito, — eis o que sua mãe lhe manda.

Ele lhe entregou a encomenda.

— Obrigada, respondeu Marússia. — E como vão eles? Estão todos com saúde?

— Todos estão bem. Tudo acabou se arranjando.

— E para mim não tendes nenhum presente? — perguntou o zaporogo. — Se tiverdes, dai logo, se não, dizei logo.

— Estivemos por toda a parte, — começou Andry Kruk, — mas as coisas não são tão fáceis.

— Perdemos um par de botas nas andanças até estes sabujos, — continuava Semén Vorochylo. — Não em vão existe o ditado: os senhores não são tão maus quanto os seus lacaios!

A canoa repousava já na areira, e agora todos os quatro homens estavam-se confrontando.

— Mas a causa ainda não está perdida?

— Não é que esteja inteiramente perdida, mas também não está ainda salva, — respondeu Semén Vorochylo.

— Vistes Samus?

— Não, não o vimos.

— Por que não?

— Esperamos por ele, mas não veio.

— Por que não fostes procurá-lo?

— Pensávamos em procurar, mas depois resolvemos não ir, pois não o encontraríamos em casa; disseram-nos que foi a Kyiw.

— O conselho se deu sem ele?

— Sem ele.

— Um conselho assim é vergonhoso chamar de conselho, — disse Andry Kruk. — Vieram sete velhos, deram sete conselhos, sentados nos troncos sisudos e broncos, mais outros de pé cheiravam rapé, um pouco escutaram, depois se mandaram.

— Em que ficou?

— Em nada. “Vamos pensar”, disseram. “Ainda temos que pensar.”

— Por muito tempo vão pensar?

— Sábado novamente haverá conselho.

— Escutai, senhores cossacos: não aguardando este sábado, usai vossas pernas avisando a quem for preciso, porque se no dado momento não estiver tudo preparado, a causa vai morrer. E se agora a causa morrer, que não mais nos procurem.

Nem Andry Kruk, nem Semén Vorochylo responderam algo, pode ser que por terem estado nesse instante acendendo seus cachimbos.

Os cachimbos, por qualquer motivo, levaram mais tempo para acender-se. Finalmente, quando a fumaça levantou-se emovelos, Semén Vorochylo disse:

— Talvez seria melhor aguardar as notícias de Brui e Popyk . . . Seria mais seguro . . . Esperamos já tanto . . . Poder-se-ia esperar ainda um pouco mais.

— Acontece, de verdade, que a pressa leva ao inferno, — observou Andry Kruk, envolvendo-se com uma nuvem inteira de fumaça.

— Obras apressadas, causas estragadas, — acrescentou Semén Vorochylo.

— De certo, às vezes assim acontece, — respondeu o zaporogo.

— Se na primeira ocasião não tivéssemos escutado o vosso mensageiro e não nos tivéssemos apressado, talvez agora não estaríamos fazendo papel de patetas, — disse Andry Kruk.

— E, segundo meu pobre juízo, como dizem, fizestes papel de bobos por também então vos terdes preparado como uns fidalgos à caça de patinhos no além-mar.

Enquanto a conversa continuava, Knych, sem perder uma palavra dela, colheu juncos secos, acendeu uma fogueira e logo preparou o necessário para cozinhar uma polenta.

Alguns minutos prolongava-se o silêncio.

Depois o zaporogo, como de costume, perguntou calmamente:

— Em que ficou, senhores cossacos? Ireis levar meu cumprimento a quem for preciso, ou não ireis?

— Pois não, isso é possível, — respondeu Andry Kruk.

— É possível, — disse também Semén Vorochylo.

— Só que não é necessária tanta pressa . . . — continuou Andry Kruk.

— Senhor Andry, — retrucou o zaporogo, — nós dois provavelmente não conseguiremos nos entender. Eu sou como aquela mulher obstinada que, sendo afogada pelo marido, teimava que a lã das ovelhas seria cortada e não

raspada. Podes lançar-me num redemoinho do Dnipro, que eu ainda hei de mostrar-te com os dedos, indo ao fundo, uma tesoura.

— É uma desgraça, — disse Semén Vorochylo, como para si mesmo.

— Que tal, vai oferecer-nos logo a polenta? — perguntou o zaporogo a Knych.

— Está fervendo. Sentai-vos e pegai nas colheres! Todos se assentaram em torno do caldeirão.

— Por que estás tão triste, Marússia? — perguntou o zaporogo.

— Deve estar cansada, — opinou Andry Kruk.

— Não, não estou cansada, — respondeu Marússia.

— Tem saudade de casa, — ponderou Semén Vorochylo.

— Não, não tenho! — retrucou ela.

Porém seus olhos ansiosos e tristes fitavam o zaporogo.

— Eu tentarei animá-la, — disse ele. — Queres ouvir um conto, Marússia?

— Quero, — respondeu ela.

— Então, escuta. Contarei a ti como um caranguejo ia buscar água. Vivia uma vez um caranguejo. Um belo caranguejo. E aconteceu que junto a sua casa secou toda a água e era preciso a todo o custo buscá-la. O caranguejo refletia: “A quem devo mandar buscar a água?”

— Por favor, a polenta está pronta, — convidou Knych. Todos começaram a comer.

— É uma polenta, amigo, que poder-se-ia servir à mulher do sultão turco e ela a comeria com os próprios dedinhos, — disse o zaporogo, colocando seus bigodes atrás das orelhas.

— Uma excelente polenta, — constatou Andry Kruk.

— Se eu vos agradei, senhores, aparentemente a boa sina ainda nos serve! — disse Knych.

— Por muito tempo matutava o caranguejo, — continuava seu conto o zaporogo, — a quem mandar buscar a água e não se pôde decidir: um, pensava ele, não conhecia o roteiro; o outro conhecia, mas não era confiável; o terceiro era solteiro, podia perder-se no caminho; o quarto pouco freqüentava a igreja, entã não sabia como

abordá-lo; o quinto era fraco; o décimo tinha vento na cabeça; como se virava — tudo tinha nó. “Irei sozinho!” decidiu o caranguejo. Pegou um recipiente e se foi. Andou, andou, andou... sempre zangado: “Por que corro tanto? Os camaradas danados viraram minha cabeça! Não vai dar em nada!”

— Se tivéssemos ainda um pouco de pimenta para esta polenta! — disse Semén Vorochylo.

— Bem que serviria! — concordou Andry Kruk.

— Assim o caranguejo andou sete anos para buscar água, — continuava o zaporogo. — No oitavo ano chegou, começou a subir pela soleira e derramou tudo.

— Infeliz, — comentou Knych.

— Derramou a água e disse: “Assim o diabo carrega uma tarefa apressada!”

Marússia riu, Knych também, mas Andry Kruk e Semén Vorochylo estavam sentados tão dignos, como só donzelas pedidas em casamento.

— Eh, a lua já se foi, — disse Knych. — Está na hora!

Todos se levantaram.

— Então, esta é vossa última palavra? — perguntou Andry Kruk ao zaporogo.

— Sim.

— Por enquanto, ide com Deus!

— Ide com Deus!

— Quando tivermos a resposta dos nossos, a quem devemos dar notícia?

— A Knych.

— De acordo. Passai bem!

— Iguamente!

A canoa partiu rápido, voando pelo escuro Dnipró, e a língua de areia com figuras negras e com uma fogueira apagada logo sumiu dos olhos.

XIX

Três dias após a relatada navegação pelo rio Dnipró era um domingo, e na cidade de Ghadiatch surdamente repicavam os antigos sinos, chamando os cidadãos ao ofício matutino.

Mal começava a raiar o dia; a cidade de Ghadiatch com todas as suas ruelas estreitas, edifícios baixos e densos pomares parecia envolvida por uma névoa leve. Até as figuras que se aproximavam de todos os lados davam a impressão de estarem agasalhadas pela neblina.

Apesar daquele nevoeiro matutino, poder-se-ia com facilidade constatar, tanto pelo modo de andar quanto pela aparência global, que as pessoas na sua maioria eram militares.

O dia antes tinha chovido; agora o ar estava úmido e por toda a parte reinava o mais profundo silêncio.

Era uma tamanha calma que de longe se escutavam passos nas ruas e nos becos molhados: o pé, pisando descuidadosamente numa poça, fazia a água respingar sonoramente e as gotas, desprendendo-se da folhagem nos pomares, caíam tão precisamente que poder-se-ia contá-las.

Na estrada da igreja e no campo santo, que lembravam muito um pomar — pois que ali não apenas floriam viburnos, azereiros, lilases, roseiras silvestres, malvas, espinheiros, acácias brancas, amarelas e róseas, macieiras, pereiras, ameixeiras e cerejeiras, mas também a suculenta, aveludada e macia relva estava salpicada de variadas flores cultivadas e de ervas — já estava reunido um grande número de cristãos ortodoxos, que conversavam sobre vários assuntos, enquanto aguardavam o ofício.

O nosso conhecido bandurista com a sua guia achava-se ali também. Ele estava sentado no degrau inferior

do vestíbulo e com voz lenta, um pouco fanhosa, contava aos cossacos e a suas mulheres, que se assentaram em torno dele em cima e embaixo nos degraus da escada ou que estavam de pé num semicírculo, por que provações devia passar a alma antes de entrar no reino dos céus.

Terminando o relato sobre a última provação e suspirando profundamente, o que repetiu a maioria dos ouvintes, o bandurista afundou-se por alguns instantes na piedosa meditação e pensativo fazia andar os olhos em torno de si sobre as coisas que principiavam a delinear-se aos poucos da escuridão.

A calma uniforme foi interrompida pela chegada de dois jovens cossacos com bigodes muito compridos e cinturas sobremaneira delgadas e elásticas, destacando-se pela boa aparência e agilidade, como são em geral aqueles que tomam parte em variados conselhos, banquetes ruidosos e outros acontecimentos deste gênero.

— Saudações! — disseram os cossacos e tão rapidamente tiraram e recolocaram seus gorros, como se só isso fizessem a vida toda.

— Então? O senhor ghetman virá? — perguntaram juntas algumas vozes.

— Virá, — confirmaram os cossacos.

Estas palavras, que foram ditas com vozes sonoras, pareciam acordar o bandurista, que deixando aparentemente com pena o belo paraíso, onde pairava com seus pensamentos, julgou por bem descer até os outros, pecaminosos interesses.

— Meus olhos também não de fitar o excelentíssimo senhor ghetman, — disse ele.

— Será que sua esposa também virá — perguntou uma mulher ágil, pequena e rechonchuda, parecida com uma trouxinha.

— Também ela, — responderam os cossacos.

— E a cunhada?

— Provavelmente, também a cunhada.

— Quem é aquela cunhada? — perguntou o bandurista.

— É a esposa do irmão do senhor ghetman, — responderam algumas vozes. — A filha do Metódio.

— A filha do Metódio? — repetiu ele também. — Nas minhas terras nada se sabe sobre ela. Será que ela está nas boas graças do senhor ghetman?

— E como! — respondeu a mulher parecida com uma tróuxinha. — Basta ela levantar a sobrançelha, e tudo acontece como ela quer.

— Então, deve estar em muito boas graças! Às vezes, o Senhor Deus dá tamanha sorte à gente! — observou o bandurista. Às vezes!

— Por que falais em graças? — fez se ouvir um ancião de cabelos grisalhos, cujos olhos chamejavam sob as sobrançelhas espessas como umas janelinhas iluminadas debaixo do teto de colmos. — Ela não pede graças a ninguém. Olhem-na apenas: é reta como uma flecha; logo se vê que desde a nascença não curvou a nuca diante de pessoa alguma e não baixou a cabeça.

— É tão orgulhosa? — perguntou o bandurista. — Não se pode chegar perto dela?

E aí ele acrescentou com voz moralizante:

— Orgulho é pecado. Uma pessoa orgulhosa é que nem uma bolha em cima da água: hoje está inflada, amanhã há de estourar!

— Como assim que não se pode chegar perto? — retrucou uma velha alta e reta com olhos reluzentes de dois diamantes negros. — Ela é uma centelha chamejante: onde aparecer, onde cair, tudo pega fogo!

— Incendiou também o senhor ghetman? — perguntou o bandurista, compreensivelmente trocando seu tom moralizante, um tanto pesado para a gente simples pecaminosa, para um tom brincalhão.

Porém pela voz poder-se-ia deduzir com certeza que não era uma pessoa jovem, forte e sadia que tinha falado, pois esta voz poderia ser substituída muito bem pelo velho sino da catedral de Ghadiatch, que só siflava e assoviava.

— Será que o senhor ghetman a presenteia com ricos presentes, cetins e veludos? — perguntou ainda o bandurista. — Será que anda vestida que nem uma rainha?

— Um dia um cossaco a encontrou e pediu para oferecer água a seu cavalo! — observou a mulher com olhos de diamantes.

— Anda vestida como qualquer mulher simples, — respondeu um dos cossacos bem trajados, com extraordinários bigodes compridos e a cintura extraordinariamente flexível e delgada. — A ela não se agrada, por mais que se queira, pois tudo sabe e tudo faz sozinha! Não aceita presentes de espécie alguma.

— E o marido dela, que tipo de senhor é?

— Indiferente, por fora — um senhor como um senhor.

— Vivem em paz?

— Vivem, sim.

— Apesar de aparentar ser indiferente por fora, é uma peça fina, — disse um combatente já bastante avançado na juventude, que estava junto ao bandurista, apoiado no seu cajado; o próprio cossaco, apesar de por fora aparentar ser indiferente, era também uma peça fina.

— E que espécie de senhores barbudos anda em torno de Ghadiatch? — perguntou o tocador de bandura. — Ontem, chegando perto da cidade, encontramos dois deles: tão inflados e orgulhosos, só pompa! Os olhos vinhos com nó, narizes para cima, a boca inferior uma polegada para a frente . . .

— São os senhores moscovitas, convidados do senhor ghetman, — esclareceu o jovem cossaco da corte.

— Agora já se foram, — observou seu camarada. — Antes havia mais deles nesta cidade.

— Foram embora? Por quê?

— Quem poderia dizer? Agora não é a mesma coisa de antes. O senhor ghetman os serve, fala-lhes coisas amáveis, mas mesmo assim é diferente. Dizem que os últimos também irão embora.

Deu-se um silêncio de alguns minutos.

Ouvia-se passos nas ruas e as gotas de chuva caíam da folhagem dos pomares. A estrela empalidecia. Tudo se tornava mais claro, começava asobressair-se da escuridão, retomando seus contornos verdadeiros, como se alguém retirasse devagar um véu de neblina.

Do lado direito ouviram-se lentos, firmes e comedidos passos; através da ramagem da árvore apareceu uma figura alta e forte em hábito negro, dirigindo-se à porta da igreja.

— Padre Mykhailo! Padre Mykhailo! — soou no meio do povo; quem estava sentado levantou-se do seu lugar, quem estava de pé, apoiado no cajado, endireitou-se.

O padre Mykhailo era, se for permitido dizer assim, sobremaneira “pitoresco”. Uma figura séria; o rosto severo, porém de expressão suave e bondosa; uma barba grisalha, ondulada, parecida com uma cascata; gestos tranquilos; claros e ao mesmo tempo muito bondosos olhos resplandecentes, — tudo isso formava um tipo ideal de guia espiritual que é encontrado mais freqüentemente na pintura do que na vida.

Da maneira como todos o cercaram, poder-se-ia deduzir como os paroquianos o veneravam.

O bandurista também chegou perto dele para receber a bênção e levou junto a sua guia.

— Abençoa, padre, — disse ele. — Das terras distantes viemos para a sagrada cidade de Ghadiatch. Abençoa, meu pai, a minha guia. Nós tratamos de viver de modo cristão, ajudar-nos reciprocamente. Eu já provei pão de muitos fornos, vi de tudo durante minha longa jornada, então posso dirigi-la ao caminho certo da vida. E ela, possuindo animada força jovem ampara a mim, velho, ao descer da colina, ou, então, apóia-me ao subir... Temos que ajudar um ao outro. Está dito na Escritura Sagrada: “Carregai os pesos uns dos outros.” Com uma mão só, não se pode atar uma trouxa...

O padre Mykhailo que tranqüila e bondosamente escutava a conversa do loquaz bandurista, na sua última palavra, não é que tremeu, não se pode dizer ao certo, mas fitou de modo atento seus olhos.

— Pois bem, — continuava o falante tocador de bandura, — dizem: um graveto apaga-se na fornalha, mas um montão deles fumeja até no campo...

Os claros olhos do padre Mykhailo olharam do mesmo modo perscrutantes, com calma, atentos e bondosos o bandurista.

— É bom um rio que tem afluentes, é bom um guerreiro que possui...

— Falas coisas sensatas, — interrompeu-o tranqüilamente o padre, — tudo o que é bom na terra mantém-se pela concórdia dos fiéis e cada um, quando tiver energia

e juízo, deve favorecer o próximo. Deus os está mandando de longe para cá?

— Passamos quase pela Ucrânia inteira.

— Os caminhos estão difíceis?

— O despido não teme assalto; por toda a parte passamos salvos.

— E que tal a colheita do centeio?

O padre Mykhailo perguntou isso com a mesma voz igual e calma, mas especialmente lento e claro.

— É tão bela que poder-se-ia cortar as espigas ainda verdes, — respondeu o bandurista com seu usual tom despreocupado e moralizante, que se tornou aparentemente seu costume, mas também o fez particularmente claro e sério.

— O senhor ghetman! O senhor ghetman! — exclamaram os cossacos bem trajados.

Todos olharam para o lado de onde se ouvia o ruído de rodas e o bater de cascos de cavalos rápidos.

O padre Mykhailo entrou na igreja.

O senhor ghetman e sua esposa tinham uma aparência importante, como convém: sedas, veludos, anéis e bordados de ouro, pedras preciosas e cores vivas combinavam com a pompa corpulenta, com o andar impetuoso e com rostos pálidos, mimados.

Grandiosamente, como dois pesados navios, eles navegaram até o meio da igreja, condescendentemente acenando com as cabeças em resposta a honestos cumprimentos do povo simples.

Não reparando nessa pompa, alguns, talvez daqueles que de mais perto conheciam o senhor ghetman, perceberam nele desta vez algo de extraordinário:

— O senhor ghetman hoje está tristonho! — disse um.

— O senhor ghetman hoje não está alegre! — observou o segundo.

— Por que será que o senhor ghetman está pensativo? — indagou o terceiro.

— Eu o encontrei na quinta-feira passada, quando voltava da fazenda, — intrometeu-se a pequenina mulher, parecida com a trouxinha. — Ele estava assim como uma nuvem! Largou as rédeas, fez pender a cabeça, suas sobrancelhas quase se cruzaram. Era tão...

Porém a continuação do relato fora interrompida pelo aparecimento de duas pessoas:

— A cunhada! A cunhada! — sussurraram em torno. O bandurista volveu seus olhos para a cunhada.

A comparação com a "centelha chamejante" não era mal inventada, e a idéia de que esta nuca orgulhosa desde a nascença não se curvara diante de ninguém era, sem dúvida, muito verossímil.

Quando a cunhada pisou nos degraus do vestibulo, a guia do bandurista deteve-a quietinha pela manga larga da sua blusa:

— A senhora, — disse a guia, — perdeu o lenço.

A alta e bela figura parou, voltou-se, olhou o lenço rubro e a menina que o segurou, pegou no lenço e disse:

— Obrigada, menina.

Via-se que tinha nervos fortes, que não haveria de tremer diante de qualquer surpresa, que os olhos escuros, grandes e profundos qual um mar haveriam de olhar tudo de maneira reta, sem esmorecer ou se entristecer, como fazem os claros astros, iluminando das alturas a terra pecaminosa.

— Como te chamas, querida? — perguntou. — Parece que não és daqui.

— Não, sou de longe.

— De longe? Por isso estás tão cansada? De onde vens?

— Como poderia ela lembrar todos os sítios e todas as aldeias pelos quais passamos, bondosa senhora? — intrometeu-se o bandurista. — Nós vimos de tudo: o bem e o mal, o direito e o injusto, percorremos ribeiras e pantanais; mas graças a Deus misericordioso chegamos finalmente à estrada certa. Atrelamos os cavalos de maneira torta, mas cavalgamos em linha reta.

— Graças a Deus, — respondeu a cunhada. — Venham à corte do ghetman, — acrescentou. — O senhor ghetman e sua esposa adoram ouvir salmos sagrados.

Dizendo isso, ela sumiu no portal da igreja.

Desaparecendo ela, viu-se então o senhor irmão do ghetman, que estava perto, escutando com atenção: sobre este falou o velho cossaco que de fora parecia indiferente, mas que era uma peça fina.

— Venham à corte do ghetman! — repetiu ele também.

O bandurista inclinou-se profundamente e disse:

— Obrigado ao gentil senhor pelo favor. Iremos logo depois do ofício.

Do centro da catedral ouvia-se já a voz firme e calma do padre Mykhailo; espalhou-se o olor do incenso, trovejou o coro dos sonoros cantores.

Começaram as matinas e todos se dirigiram à antiga catedral, tocando com os ombros e cotovelos os afrescos de muitos diabos que colocavam carvão em brasa debaixo dos pecadores e das pecadoras, os quais se debatiam no fogo, escancarando bocas e esbugalhando olhos, e assim visivelmente sugeriam o terrível futuro daqueles fracos que não possuem força para opor-se à tentação mundana.

XX

O dia estava abafado e quente, apesar de que as gotas da chuva espessa do dia anterior ardessem como centelhas na relva. Uma jovem cossaca de sobrancelhas negras, conversando com um jovem de sobrancelhas negras como as dela e que lhe confiava quem sabe que coisas interessantes e importantes para ele, subitamente derramou sobre o seu parceiro uma chuva de tépidas, límpidas, lustrosas gotas, sacudindo sem querer um frondoso, fluorescente galho do velho viburno de ramagem ampla, sob o qual se achavam ambos.

O jovem assustado deu um salto com uma presteza fora do comum para ele, julgando-se pelo aspecto sério e determinado que tinha antes seu rosto, e a pérfida bel-dade riu-se em voz alta, enxugando com a manga bordada da nívea blusa a face viçosa, molhada também de respingos.

As ruas de Ghadiatch de longe pareciam-se com fitas negras de veludo, ladeadas em algumas partes por lustrosos anéis e desfiadas em franja verde luminosa, — de perto assemelhavam-se com terra negra diluída pela chuva, embanhada pelo copioso gramado e rendada com poças bastante fundas.

Ouvia-se sem parar o bater de portas que se abriam e fechavam, e no ar longe se espalhavam várias vozes das saudações com que os hospitaleiros donos recebiam seus festivos convidados.

Não apenas o sol cegava com seu brilho dourado, mas também o céu com o claro azul, e com isso as nuvens negras que vinham vindo do oeste pareciam ainda mais negras; seus contornos se delineavam ainda mais nitidamente.

— A noite haverá uma grande tempestade, — disse o senhor ghetman.

Ele pronunciou isto com certa inquietação, ao mesmo tempo que um suspiro pesado escapou de seu peito, motivo pelo qual um fidalgo moscovita de barbicha ruiva, que estava sentado à sua frente na galeria, perguntou:

— O senhor ghetman tem medo de temporal?

— É a força divina, por isso todo o cristão deve temê-la, — respondeu o ghetman pensativo.

— Deus misericordioso há de nos poupar, — retrucou o fidalgo de barbicha ruiva, — porém vêm vindo nuvens bem grandes!

— Pois é, bem grandes, — repetiu o ghetman, olhando sem atenção aquela faixa escura de nuvens que rapidamente fechava o claro azul.

O senhor ghetman pronunciava cada palavra de modo insosso, sem entusiasmo, freqüentemente fazia passar os dedos pela testa, como se sentisse lá dentro uma dor insuportável; seus olhos opacos dirigiam-se para as distâncias; no seu cheio e liso rosto, mas não apenas no rosto, até na sua pesada e gorda figura havia marcas de uma inquietação interior e do cansaço, o que era talvez o resultado da angústia mencionada, insuportável para um senhor mimado.

Mas tanto quanto o ghetman aparentava ser mole, dispersivo e preocupado, o seu interlocutor e hóspede, o fidalgo moscovita de barbicha ruiva, se mostrava ágil, elástico e despreocupado. A pesada e desengonçada figura do ghetman dava a impressão de ser mais pesada e mais sem jeito ainda em comparação com a bem trajada, irrequieta e elástica figura; os semicerrados olhos do senhor ghetman ainda mais enviados e mortos em oposição aos olhos que corriam para todos os lados indagadores e lustrosos.

Quando repetiu novamente, lançando seu olhar brilhante com descuido às nuvens que estavam se armando e alisando com a mão branca sua barbicha ruiva: — De qualquer modo, Deus nos há de poupar!, — o moscovita parecia revelar com esta frase seu caráter inteiro.

Certamente não lhe faltava nem uma rápida, aguda inteligência, nem a perspicácia de dez pessoas, mas aci-

ma de tudo reinava o seguro “de qualquer modo”, que dominava o resto.

Poder-se-ia apostar que, antes de passar por cima de um abismo em uma pinguela bamba, ele haveria de avaliar muito bem todas as possíveis conseqüências de tal aventura, porém, sacudindo seus cabelos cacheados, diria: “De qualquer modo passarei!”, e passaria.

E não apenas no caso de passar ileso, mas mesmo se quebrasse os ossos e somente salvasse a cabeça, na primeira ocasião haveria de sacudir novamente seus cachos de cabelos e diria da mesma maneira: “De qualquer modo, passarei!”, e iria seguro em frente.

— Todos nós somos pecadores, — respondeu o senhor ghetman, — ninguém de nós pode dizer: hoje não receberei o pagamento justo pelos meus pecados!

O senhor ghetman disse isso com o ar de ensinamento com que em geral fala-se de tais coisas; só que pelo tom seco percebia-se mais a covardia ferida de um palaciano de que o arrependimento de um cristão.

— O Senhor Deus atura por muito tempo o pecado, — respondeu o jovem fidalgo, julgando talvez ser seu dever levantar os olhos lustrosos, que corriam por todos os lados, aos céus; porém a meio espaço para o éter luminoso, ele os deixou cair no caminho que serpenteava através do largo campo do palácio, pelo qual devagar se aproximava um velho bandurista com uma menina queimada de sol, ornada com uma grinalda de flores frescas.

Os olhos do senhor ghetman, que estavam afundados de soslaio no interlocutor, neste instante seguiram o olhar deste até o caminho, e estranhamente os tocou a aparição do velho tocador de bandura: o rosto mole e indiferente logo corou, depois empalideceu e os lábios tremaram um pouco; rapidamente passando a mão pela testa, ele levantou a sobrancelha e ansioso, indagador fitou o nobre moscovita, como se quisesse ler no seu rosto se na sua alma teria penetrado qualquer suspeita.

Mas o rosto do fidalgo moscovita, — no qual, aliás, poder-se-ia ler apenas com sua nobre permissão, — nada traía além daquela vazia, enfadonha curiosidade que se apodera de pessoas que por muito tempo passam nas brenhas e na solidão ou no meio de pessoas que lhes são

conhecidas em todas as dimensões e que não lhes são nem um pouco interessantes.

Não encontrando no rosto do fidalgo russo nada de especial, o senhor ghetman baixou os cílios sobre suas mãos, dobradas à maneira das pessoas religiosas ou muito piedosas, que havia tempo estavam acostumadas não apenas às orações, mas também a sua cênica representação, se for lícito dizer assim. Nesta atitude ele foi envolvido, aparentemente, pelos pensamentos graves, ou antes pelas reflexões pias, que levantam as almas do mundo da pecaminosa realidade ao mundo superior, o qual a piedosa imaginação povoa com anjos de duas asas, querubins e serafins de seis asas, de brilho maravilhoso e de música paradisíaca.

Tão profundamente afundou-se o senhor ghetman nos pensamentos, tão inteiramente transferiu-se ao outro mundo melhor, que o fidalgo moscovita teve que repetir duas vezes:

— Senhor ghetman, vieram pedintes! Senhor ghetman, vieram pedintes!

O senhor ghetman finalmente acordou, volveu seus olhos até os chegados, bondosamente inclinou sua nobre cabeça em resposta aos profundos cumprimentos que quase tocavam o chão, chamou um cossaco, que estava atrás da porta esperando suas ordens e com lenta, amável voz mandou servir às visitas.

— O senhor ghetman permite que o velho bandurista lhe toque e cante para ele? — respeitosamente perguntou o tocador, inclinando-se com cada palavra, ou fitando-o tão submisso que isso valia por uma reverência profunda.

O senhor ghetman deu-lhe a permissão e pediu o cansado bandurista à mesa.

O senhor ghetman mostrou-se tão atencioso que até apontou com a nobre mão branca o lugar, acrescentando:

— Aqui não bate sol.

O bandurista, evidenciando com devido respeito sua submissa gratidão pela generosa graça do excelentíssimo senhor ghetman, sentou-se no indicado lugar na escada de um canto da galeria, encolhendo-se na sombra. Ao fidalgo moscovita, que o olhava bastante atento, era visível

apenas uma parte de sua barba grisalha, um ombro poderoso, coberto por uma velha, tosca, mas branca que nem recente neve camisa de linho e a ponta de uma colossal bota, a qual claramente testemunhava viagens contínuas pelas estradas empoeiradas e lamacentas. O seu corpo inteiro e seu rosto se vislumbravam apenas como manchas opacas através da rede cerrada de uma velha pereira de folhas miúdas, crescendo tão baixo sobre a galeria toda que seus ramos de verde lustroso tocavam o assoalho.

— Recoloca teu gorro, velho, — disse o bondoso senhor ghetman.

O fidalgo moscovita maquinalmente levantou o ramo da pereira, deixando-o cair de novo automaticamente e voltou seus olhos à menina, a guia do velho bandurista.

Era cômodo ao fidalgo moscovita fitá-la: ela se acomodou justamente à sua frente, e um raio de sol ainda caía por cima dela.

A bandura se fez ouvir e o canto principiou:

— Oh, paraíso claro, oh, paraíso lindo! — cantava o piedoso ancião.

Com os primeiros sons apareceram a excelentíssima esposa do ghetman e a senhora cunhada, que silenciosamente se assentaram a certa distância para também escutar grandiosos cânticos sacros.

As duas mulheres estavam sentadas, dobrando as mãos, na mesma atitude submissa, com olhos baixos, aparentando tipos de nobres escravas; porém nunca duas pessoas do mesmo sexo e quase da mesma idade eram tão diferentes.

O belo, senhoril rosto da excelentíssima mulher do ghetman era marcado pelo carimbo gritante de longo tédio e longa tristeza, que freqüentemente são causas de uma vida luxuosa e vazia, como também por algo de incerteza, que se nota em crianças, quando um professor talentoso sabe com jeito esclarecer-lhes uma lição não compreendida, antes intolerável e, de repente, interessante; como ainda pela condição daquele inexperiente, não desenvolvendo juízo infantil, que não vai além do ansioso: “Como assim?” “Será?”, “Veja só!” e pela preocupação da pacífica pessoa sedentária que inesperadamente se adentra numa viagem desconhecida e perigosa.

Já o rosto da cunhada se distinguia pela calma, mas aquela calma poderia ser comparada com a tranqüilidade do quente dia estival que fazia então: tudo floria, res-cendia, vibrava com mil pulsos, não havia ímpetos de vento, não se escutava o rolar de trovões, nem relâmpagos faiscavam, mas tinha-se certeza de que tudo em torno poderia logo escurecer, que era capaz de surgir tal temporal e calamidade que muito haveria de destruir da circundante beleza florescente.

— Oh, paraíso claro, oh paraíso belo! — cantava o velho bandurista.

— Como te chamas, menina? — perguntou o fidalgo moscovita à pequena acompanhante do músico ancião.

Sua voz era de todo macia, mas agora, quando ele a fez baixar, com aparente propósito de não perturbar os outros no alegrar-se com cantorias de salmos, ela se tornou inteiramente aveludada; o rosto do fidalgo moscovita era tão amável, mas agora, aparentemente para encorajar a pequena mendiga que ele honrou com sua gentil palavra fidalga, transformou-se inteiramente em meiga bondade e parecia dizer: “Se fores uma menina inteligente, não vou te negar uma bolacha de mel.”

Não obstante, os límpidos olhos da menina fitaram o fidalgo com desconfiança; ela nada respondeu à sua pergunta amável e provavelmente nem um pouco cobizou suas promessas generosas que lhe apresentava claramente seu rosto.

O fidalgo moscovita repetiu condescendentemente sua pergunta amável:

— Como te chamas, menina?

A menina baixou os olhos e respondeu:

— Marússia.

— Marússia? — pronunciou o nobre cavalheiro, como se quisesse dizer com isso: “Já que te chamas Marússia, está muito bem, não precisas preocupar-te.”

— Cansaste, Marússia? — continuava ele.

Marússia de novo não respondeu e ele teve que repetir sua pergunta, o que não parecia nem um pouco aborrecê-lo, pois conseguindo finalmente a resposta: “Cansai”, perguntou amigavelmente de novo:

— O caminho foi longo? De onde vieram?

E novamente a camponesa rude não respondeu logo, e de novo, sem alterar o bondoso e amigável tom, ele repetiu:

— O caminho foi longo? De onde vieram?

— Não sei.

Neste instante a voz do bandurista se calou: ouvia-se apenas o agradável, sonoro acompanhamento da bandura.

O senhor ghetman, que até então estava submergido inteiramente em pensamentos, ouvindo o salmo sagrado, agora pareceu acordar, levantando a cabeça, e seus olhos encontraram os olhos do notável hóspede.

— É salutar para a alma escutar, — disse ghetman como se fosse para si próprio.

— É salutar, — notou o ilustre hóspede.

Depois, levantando-se do lugar e dirigindo-se ao bandurista, ele perguntou:

— E não sabes, bom homem, a canção sobre o bandoleiro à beira da estrada?

— Não, excelentíssimo senhor, não sei esta, — respondeu o bandurista. — No entanto, sei cantar sobre o filho do pope, sobre o cativo, sobre a viúva...

— Aprenda a canção sobre o bandoleiro: é uma bela canção! — interrompeu o fidalgo moscovita. — Tens uma harpa bonita mostra-ma, para eu ver!

— Pois não, ilustre senhor, olhai! — respondeu o bondoso ancião, passando a bandura para o fidalgo.

Revirando nas mãos o singelo instrumento, o fidalgo sentou-se ao lado do velho, um degrau mais alto, repetindo:

— Bonita harpa! Bonita harpa!

Louvando a bandura, ele porém não a olhava e sim fitava diretamente o rosto do seu dono.

No entanto, o dono da bandura apesar de ser, como se via de tudo, um homem muito humilde, não se perturbou nem um pouco com o atento olhar do fidalgo.

Com o devido respeito, mas inteiramente à vontade, ele esclareceu o curioso cavalheiro sobre a afinação do instrumento; não apenas ele não tinha vontade de parar de tagarelar com o ilustre conviva, com o qual muitas vezes se perturba um homem do povo, pelo contrário: até se entusiasmava; citava alguns episódios secundários

da sua vida de vagante, como da vida de seus companheiros-banduristas.

— Conheceis, senhor, Semén Brui? — perguntou bondosamente. — Não conheceis mesmo? Aquele velho altíssimo de sobrancelhas negras, com um narigão desse tamanho, cego de um olho? Estranho isso, pois a gente o encontra por toda a parte. Então, não o conheceis. E nunca ouvistes falar dele? Eu o encontrei a semana passada em Bobryky. “Eh, alegres o diabo?” — perguntei. Ele estava tocando para as mulheres “Boa esposa”. É ilustríssimo, um homem de fibra: era casado três vezes... Tem uma bandura maravilhosa! É feita de uma madeira, senhor, que toca o que bem entende. Eu ouvi, ilustríssimo, com meus próprios ouvidos (aqui o bandurista tocou suas orelhas), como Semén afirmava: “Irei tocar sobre Yarema!”, mas a bandura dava para tocar sobre Gholota! Uma bandura enfeitiçada! Dizem que foi fabricada por um mago. E quem não tiver consciência limpa, não deve se aproximar dela para escutar o que toca, pois ficaria difamado diante do povo! Começa a tocar: “És ladrão, seduzes mulheres alheias, não jejuas!” — com uma palavra, cada um recebe o seu quinhão.

— Para ti também tocara aquela bandura, bom velho? — perguntou o fidalgo, escutando o bandurista com uma atenção graciosa.

— Também a mim, bondoso senhor.

— E o que foi que ela tocava? Provavelmente: “Peregrino passageiro, homem santo, justiceiro!” Não foi?

— Que nada, senhor, — suspirando com verdadeiro arrependimento respondeu o bandurista. — Sou um pecador. Foi numa sexta-feira, eu tinha vindo de longe, estava cansado e todo encolhido de fome, aí o espírito mal me perturbou, bondoso senhor! Entrei numa taberna, bebi um gole de aguardente, olhei atrás de mim e vi uma salsicha. Uma salsicha tão apetitosa! Ela me fitava diretamente na cara, meu senhor, e ouvi como sussurrava: “Coma, coma, nunca provaste uma igual!” Eu me torci, sentindo já o seu gosto derreter-se na boca de tão mansinho, a barriga desfalecendo... Então, eu a comi, bondoso senhor. Não sei mesmo, como aconteceu. E o que pensais, senhor? Mal me aproximei, a bandura de Semén

princiou a zombar: “Comeu a salsicha, comeu a salsicha, salsicha, salsicha!...” Fiquei em brasa de vergonha... Podeis crer!

— E o que achas, bom velho? Se alguém não tivesse uma bandura encantada, nunca saberia que comeste a salsicha? — amavelmente gracejando perguntou o fidalgo.

— Na Escritura Sagrada está dito: “Não existe ação escondida que mais cedo ou mais tarde não será revelada”, — retrucou o bandurista, — e, no entanto, nós pecadores (não falo de vós, bondoso senhor) fazemos muitas artimanhas secretas! Muitos saltimbancos a vida toda tanto aprontam que o diabo segura-se pela barriga de alegria, mas tudo fica bem velado e guardado secretamente. Porém, — acrescentou o bandurista em tom educativo, — se não for neste, no outro mundo receberá o devido pagamento por toda a espécie de pecado.

— Alguns recebem o pagamento já neste mundo, — observou o fidalgo, não tanto em tom moralizante, quanto significativamente.

— Recebem, bondoso senhor, recebem, — concordou o bandurista com um tom nada significativo, antes satisfeito e solene, com que os homens piedosos profetizam castigos aos pagãos e pecadores.

— Sim, recebem o que merecem, — repetiu o fidalgo.

A ele, aparentemente por causa do ócio e do tédio, muito interessou o bandurista peregrino; a conversa com este divertia o orgulhoso ilustre senhor, volúvel no seu favor.

O ghetman estava sentado, como antes, de mãos postas, mas já não parecia mais um ser humano que pairasse num mundo superior; muito pelo contrário: parecia ter sido tomado por uma grande ansiedade, e de vez em quando, aproveitando a oportunidade em que o hóspede importante lhe virava as costas, lançava olhares assustados para o senhor seu irmão, como se quisesse procurar auxílio. Este tinha saído silenciosamente à galeria e parecia escutar calmamente a conversa do fidalgo com o bandurista, querendo dizer com sua tranqüilidade ao senhor ghetman:

“Por enquanto não há perigo, não é necessário ter medo. Veremos mais adiante.”

Porém mais freqüentemente, o senhor ghetman voltava os olhos suplicantes para a senhora cunhada e, recebendo por dez olhares dispersos um único, logo se tranquilizava, suspirava de leve, esfregava a testa com a mão e esforçava-se para aparentar calmo como convém a um homem de alta posição.

A sua senhora esposa, que evidentemente nada compreendia, mas que por instinto percebia estarem todos secretamente imbuídos de algo grave e que por perto espreitava perigo, um certo tempo observara a todos, mas depois, confessando a si própria ser este cuidado inútil, de novo se afastava com seus pensamentos submissos e parecia dormir.

Não se sabe por quanto tempo teria se prolongado a conversa do fidalgo com o músico ambulante, se a senhora cunhada não se tivesse levantado do seu lugar e, dirigindo-se ao pomar, não tivesse perturbado o fidalgo, que estava sentado no seu caminho.

— Permitti-me passar, — pronunciou a senhora cunhada, inclinando-se profundamente com todo o respeito.

O fidalgo, no mesmo instante, apressado lhe deu passagem, o belo rosto dele corou bem visivelmente e, como se entusiasmado de repente com algo inesperado, por muito tempo ele ficou acompanhando com o olhar a figura altiva, que tranqüilamente sumiu no denso verdor do pomar florescente.

Depois, ele novamente se dirigiu ao bandurista, porém só o olhava, sem dizer uma palavra.

O ágil, perspicaz, despreocupado fidalgo foi logo tomado por alguma preocupação, mas não se poderia dizer que fosse uma preocupação grave, pois seu rosto às vezes ficava chamejante e revivia alegremente por algum motivo.

— Estiveste há muito tempo em Tchyghyryn? — perguntou ele ao bandurista, dirigindo-lhe aquele olhar impreciso, com que olham pessoas inteiramente envolvidas por seus próprios assuntos e que só automaticamente pronunciam quaisquer palavras, já então desinteressantes a eles próprios.

— Eh, a Tchyghyryn é difícil chegar agora, bondoso senhor, — respondeu o bandurista. — Por toda a parte há tropas: polacos, tártaros... Sobre todos os caminhos zunem balas... que vá até lá quem estiver farto deste mundo e sua tarefa terá fim. Confesso, também levei muito susto. Ouvi vários relatos de um patrício, Ivan Dudnyk, sobre a batalha naquelas bandas: indo, estava a matutar: “E se um infiel agora saltar sobre mim?” Eis que ouço — a terra ribomba. Olhei e vi algo preto correndo em minha direção. Eu estava na estrada campestre, em torno havia só estepe infinda. Vi como algo se atirava em minha direção, atrás dele o segundo, terceiro, quinto, décimo — julguei ver uma horda inteira! Pois bem, pensei comigo mesmo, é meu fim! Acocorei-me no capim, para que o diabo passasse ao lado. Estendido na terra fiquei sem respirar, pensando: “E se eu for pisoteado?” Ouvi algo roncar junto da minha orelha direita e beliscar o capim, aproximando-se cada vez mais e mais. Desfaleci... Pronunciei apenas: “Senhor, perdoa meus pecados!”, quando algo sacudiu o topo do meu cabelo. Urrei pela estepe toda. O que pensais, bondoso senhor? Era uma bezerra danada que me tinha causado tamanho susto e quase tinha arrancado o meu topete. Dos sítios queimados incitaram todo o gado para a estepe, e o gado tornou-se selvagem. As novilhas começaram a saltar, correr, depois deram para pastar, e uma queria pastar até o meu topete... Fiquei de sobressalto, nessa ocasião! Dizem verdade, que “o medo tem olhos grandes”! Mas como não se assustar, quando dá medo? Mesmo sem querer, a gente fica medrosa. Até os mais valentes são valentes apenas até um certo tempo. Tive um patrício, agora já está falecido, que goze no paraíso, no lugar calmo, que sua alma se regozije no meio de flores paradisíacas e mel doce! — este patrício não tinha medo de nada. Só que um dia...

Aí o fidalgo, que desatento escutava a conversa anterior, interrompeu o velho bandurista:

— Tua menina está cansada.

— Está, bondoso senhor, — respondeu o bandurista.

— Toma aqui, compra uma bolacha de mel, — disse o fidalgo à menina.

Ele lhe ofereceu algumas moedas de cobre.

— Por que não tomas? És viva ou de pedra?

A menina estava sentada o tempo todo quieta e imóvel; podia ser, de fato, julgada como sendo de pedra, não fossem os olhos luminosos e o vivo rubor corando suas faces queimadas.

— Agradece, Marússia, ao senhor, — disse o bandurista. — Ela é uma bobinha tímida, senhor bondoso, desculpai... Agradece, Marússia ao senhor, agradece...

Marússia levantou-se e se inclinou diante dele.

Mas o ilustre senhor, que lhe recompensou com generosa esmola, já não percebeu esta reverência agradecida.

Como se tocado por uma força invencível, dirigiu-se à porta do cômodo interno.

Porém parou na soleira e, voltando-se para o senhor ghetman, percebeu claramente no seu rosto aquela expressão que se manifesta na face da pessoa finalmente liberta do laço que a esmagava; ele bem compreendeu esta expressão, pegando a maçaneta com a mão, como se quisesse com isso de maneira artificial permanecer no seu posto, e nos seus lábios apareceu um sorriso que claramente dizia:

— Eh, vocês! Não me enganarão!

Mas neste instante da profundidade do pomar ouviu-se um canto. Uma meiga voz grave cantava canções ucranianas:

De águas calmas a pedra se agita,
Um senhor nobre me rende visita.
Mas meu pensamento
É barco ao vento...

Com os primeiros sons desta voz, os dedos fidalgos, que firmemente seguravam a maçaneta, embranqueceram, amoleceram e abriram-se, e no rosto senhoril passou uma expressão que dizia: "Que tudo no mundo pereça, mas eu beberei deste vinho!" e, sacudindo seus cachos frondosos, o fidalgo sumiu.

XXI

— É longe ainda? — perguntou Marússia.

— Cansaste, queridinha? — perguntou o zaporogo.

— Não cansei. Só quero saber se é longe ainda.

— Não é. Vês a mata do lado direito? Naquela mata descansaremos. Estás cansada?

— Não, não, juro que não!

Porém ele se inclinou, olhando com carinho e preocupação o rostinho queimado.

— Não cansaste? — repetiu. — E quem não conta a verdade, sabes o que terá que fazer no outro mundo? Será que deverás lamber uma panela quente, será?

— Não vou lamber a panela, — respondeu Marússia e seus pequenos dentes brancos reluziram atrás dos lábios viçosos.

Pensando um instante, voltou seus escuros olhos brilhantes ao companheiro e acrescentou:

— Prefiro lamber a panela do que parar!

— Penso que é melhor fazer assim! — disse ele e inclinando-se pegou a pequena sofista nos braços, levantando-a como a uma pluma.

— Não, não... — exclamou ela. — Eu irei sozinha, eu sozinha!

Porém os fortes braços a seguraram e as palavras pronunciadas em voz baixa: — Fica quieta, minha querida! — aniquilaram toda a resistência. Ela abraçou a nuca morena, tão escura como bronze polido e aparentemente tão forte como bronze, apoiando a cabeça no forte ombro.

Começava a entardecer; não havia mais o calor intenso do meio-dia; a estrada, ou antes: a vereda serpenteava pelos campos, pelos estreitos entremeios dos centeios quais juncos, pelos pequenos bosques, cheios

de flores, ninhos, perfumes, pássaros multissonoros e multicores, borboletas irisadas, abelhas silvestres, grilos de esmeralda, fitas douradas de raios solares e do frescor da sombra. De vez em quando cintilava o campanário de uma igreja rústica, luzia um lagozinho, um rio ou um estanque, estendia-se o veludo escuro de um largo prado, ou manifestava-se uma pequena aldeia que resplandecia em suas casas brancas, tremulava colorida com suas hortas, floridas, verdejava com pomares, ou, atrás de árvores, branqueava um sítio solitário.

— Vês quantas centáureas e quanto joio crescem no centeio? — perguntou o zaporogo.

A expressão de seu rosto, curtido pelas privações de uma vida severa, tornou-se indivizivelmente meiga, quando parou e mostrou à menina, a qual tinha encontrado abrigo nos seus braços fortes, os cálices aveludados de centáureas azuis e de joio da cor de framboesa, cintilando no meio de espessas espigas de centeio, iluminadas pelo sol.

— Sabes o que, Marússia? Vale a pena sentar-se aqui e trançar uma grinalda, — continuava ele. — Será uma grinalda linda. Tão linda, que só!

Dizendo isso, ele cuidadosamente fez a menina deslizar ao chão, assentou-a sobre a relva escura ao lado do caminho e, esticando seu longo braço para o centeio, começou a colher centáureas e joio, olhando-a com o sorriso e recomendando:

— Fica quieta, Marússia!

Marússia estava sentada quieta e seguia cada um de seus movimentos; ele se voltava de vez em quando na direção dela e, mostrando-lhe uma flor colhida com a raiz pela mão desacostumada a tal serviço delicado, ria alegremente e criticava sua falta de jeito:

— Vês! — comentava ele. — Manda ao bobo rezar com reverências e ele vai quebrar a testa contra o chão! Que cossaco jeitoso! Um semelhante poderias procurar por muito tempo. É como se mandassem a um urso pegar perdizes, mas o urso nem de longe chega a fazer sombra a mim...

— Basta, basta, — disse Marússia, colhendo as flores que ele tinha derramado sobre ela de todos os lados.

— Talvez ainda mais um pouco? — perguntou o zaporogo. — Eis uma bela florzinha, veja como é linda!

Ele lhe ofereceu uma centáurea que de fato era especialmente volumosa e fresca, depois sentou-se a seu lado e muito atento e interessado seguia o trabalho das mãozinhas queimadas de sol, que rápidas e hábeis trançavam com flores uma grinalda, observando ao mesmo tempo as mudanças no rosto, inclinado sobre este serviço.

— Em que pensas, Marússia? — perguntou. — De que foi que te lembraste?

Ou ele sabia bem ler os rostos, ou tinha aprendido bem aquela face, pois não se enganou.

— Lembrei como trançávamos grinaldas em casa, — respondeu Marússia.

— Tens saudades dos teus?

— Não, não importa...

Porém o trançar da grinalda logo parou, pois os grandes olhos escuros encheram-se de lágrimas.

— Sentes muita saudade, meu coração?

Lágrimas copiosas rolaram em gotas sobre as faces, as mãos largaram as flores e rapidamente cobriram o rosto; do peito escapou um soluço abafado.

No entanto, ela logo venceu esta emoção que a sobressaltou de supetão e, enxugando as lágrimas com as mãos, voltou seus olhos úmidos ao companheiro, repetindo com voz trêmula, porém já sorrindo:

— Não importa...

Mas percebendo, que as lágrimas subiam novamente, sorrindo perguntou:

— É muito quente aquela panela que dão para lamber no outro mundo?

Não obtendo resposta e vendo que o rosto do zaporogo tinha se enuviado, ela suavemente tocou-lhe no ombro. Ele disse então:

— É muito duro para ti, Marússia?

— A ti também é duro, — disse ela. — E aos outros?

— É verdade, a todos.

— Vamos!

— Vamos!

Eles se deram as mãos e foram caminhando. Logo, do lado, para onde conduzia uma estreita entrada, cru-

zando o atalho dos nossos peregrinos, apareceu uma aldeia.

— Vês a aldeia, Marússia?

— Vejo, — respondeu ela.

— É grande?

— É.

— Quanto maior a aldeia, mais esposas, mães, irmãs e noivas choram, pois por este caminho partiram muitos maridos, irmãos, noivos e pais para a luta, e ninguém sabe quem há de voltar. É um tempo mau, Marússia, entendes?

— Entendo, — respondeu Marússia.

Uma boa hora eles andaram em silêncio.

A floresta, que azulava de longe, apontada pelo zaporogo como o lugar de descanso, à medida que se aproximavam dela, tornava-se mais verde, depois delineou-se a folhagem escura dos carvalhos e o verdor cacheado das bétulas à beira da mata.

— Eis que chegamos, — disse o zaporogo. — Logo encontraremos um recanto aconchegante e descansaremos.

No entanto, tiveram que procurar um tal recanto por mais tempo do que pensaram: o matagal era tão cerrado que não podiam dar um passo livre; além de tudo, havia ramos que lhes batiam nos rostos; arbustos de rosas silvestres que se prendiam a seus cabelos e suas vestes e arranhavam com espinhos agudos; troncos tombados que impediam o caminho. Diante deles se estendiam betulazinhas novas e acima pendiam redes de lúpulo.

Porém o zaporogo parecia saber para onde ia, pois se detinha, olhava para todos os lados, calculava e continuava a levantar ramos e arrancar trançados de trepadeiras verdes.

Finalmente chegaram a um lugar, onde podiam livremente ficar em pé e assentar-se.

— Repousa, Marússia, — disse o zaporogo. — Tais veludos que crescem sob este carvalho não possui o próprio ilustríssimo senhor ghetman! Vem cá! ... Vê que carvalhinho bem crescido!

O "carvalhinho bem crescido" espalhava largamente os galhos frondosos e formava algo como uma catedral verde, onde era quieto, escuro e fresco. Os raios solares

não chegavam até lá; via-se apenas como eles penetravam pela folhagem das árvores vizinhas ou caíam em manchas claras e tiras sobre as raízes e os troncos.

Perto do carvalho destacava-se do chão um toco velhíssimo de árvore cortada, muito enegrecido, sem sinal de vida; no entanto, num de seus lados apodrecidos verdejava algo.

Os olhos de Marússia logo perceberam o fenômeno extraordinário, mas aparentemente ela tinha ficado muito cautelosa após o episódio na aldeia queimada, junto ao poço, pois agora não apenas não exclamou, como não pronunciou uma palavra sequer e não se demorou a fitar o objeto que tinha prendido sua atenção.

Tudo isso não ficou despercebido ao zaporogo perspicaz.

Tirando do topo do tronco cortado um ramo de viburno ainda fresco, ele o atirou sobre seus joelhos e disse sorrindo:

— Contigo, querida Marússia, pode-se realizar algo. Se todos fossem como tu és!

Neste instante, da profundidade silvestre ouviu-se algo como o chamado de um mocho.

— Cedo chama o mocho, ou então ainda não desenvolveu a voz. Bons mochos gritam assim:

Ele colocou dois dedos nos lábios e proferiu um chamado tão sonoro que faria honra ao mocho verdadeiro mais audaz.

O chamado mostrou força: de três lados ouviram-se vozes de jovens mochos.

— Fica sentada aqui, Marússia, — disse o zaporogo, — eu volto logo.

— Está bem! — respondeu Marússia.

O zaporogo abriu os ramos e lançou-se no matagal, porém, de repente, parou, voltou-se para Marússia e disse:

— Não fiques com saudades, Marússia!

— Não ficarei, — afirmou ela.

Trocaram sorrisos que valeram por todas as palavras e todos os favores, e o zaporogo desapareceu.

XXII

Marússia ficou escutando o silencioso estalar de galhos secos e o sussurro da ramagem até que eles morreram inteiramente; depois inclinou a cabeça, pensativa.

Tinha em que pensar: tantas coisas inesperadas e misteriosas aconteceram com ela nos últimos tempos, tantas importantes e poderosas pessoas conheceu!

Mas principalmente, quanta coisa havia nisso tudo de nebuloso e incompreensível para ela!

Parecia andar o tempo todo à beira de um abismo invisível, o qual, no entanto, sentia vivamente.

— Por que os homens são às vezes tão maus? — pensava.

E na sua cabeça jovem levantava-se uma fileira inteira de perguntas comunitárias com os quais muitas vezes ficam tontas as cabeças de pensadores mais experientes. De vez em quando, cansada destes pensamentos graves, para os quais não encontrava outra resposta a não ser “vontade de Deus” e “permissão divina”, ela levantava a cabeça e olhava em torno.

Um estranho frescor e silêncio da mata aliviavam e acariciavam seu corpo, cansado demasiadamente de longas andanças e contínuas ansiedades da alma; no entanto, nesta sua atormentada condição psíquica, eles lhe pareciam um castigo qualquer.

Esta calma e indiferente natureza não lhe dava nenhuma resposta. Se a comparação de uma alma jovem, viçosa e angustiada com uma rosa desabrochada espinhosa ficaria bem para alguma pessoa, então decerto que esta pessoa era a guia do bandurista, sentada sob a tenda de um velho carvalho, mal visível no meio do verdor.

Principiou a escurecer, como se alguma mão invisível vestisse a mata com um capuz. As manchas e tiras

luminosas que caíam sobre raízes e troncos, desapareceram; somente penetravam ali ainda as purpúreas setas do pôr do sol.

Marússia saiu de repente debaixo do carvalho; uma viva angústia inundou todas as outras preocupações, dúvidas e indecisões.

— Ele disse que viria logo, e nada se ouve! — pronunciou.

Em verdade, não se ouvia nada, apesar de ela aguçar tanto os ouvidos. A floresta verde contornava-a de paredes; nem gritos de pássaros feriam o silêncio daquela solidão, nem o vento a folhagem.

De súbito ouviram-se tiros: um, um segundo...

Marússia endireitou-se como de uma trovoada.

Ainda mais um tiro.

E tudo retornou silencioso e surdo. O ouvido tenso não mais captava nada.

Assim se passou ainda não se sabe quanto tempo, mas para a menina, muito comprido.

No início, ela se levantava freqüentemente, andava, escutava; depois cansada desta agitação, ficou sentada no lugar sob o carvalho, imóvel, como petrificada.

Ela não se levantou nem então quando ouviu bem claro um ruído; só as faces se enrubesceram e os olhos tristemente dirigiram-se para aquele lado.

Esta vez, a esperança não tinha sido vã: os ramos se afastaram e o rosto conhecido apareceu no meio de seu verdor balouçante.

No entanto, este rosto estava tão lívido que a exclamação alegre morreu nos lábios da menina.

— Marússia, — disse o zaporogo. — Vês este lenço rubro? Vês bem?

— Vejo, — respondeu ela.

— Eu vou guiar-te até a estrada... tu irás sempre em linha reta... pelo bosque, até a ponte... Depois da ponte, haverá um outro bosque e uma vereda... Irás pela vereda ao bosque... Encontrarás um homem que dirá "Deus contigo, Marússia!" Tu lhe darás este lenço e responderás: "Deus convosco!" Ouves?... Vais lembrar, Marússia?

Ele pronunciava tudo isto bem claro, mas com grandes intervalos: seu rosto tornava-se cada vez mais pálido, suor em gotas caía da sua testa; ele não estava de pé reto, como sempre, mas apoiando-se com o ombro contra o tronco da árvore.

— Vai, Marússia! Irás?

— Irei, — disse ela. — O que te dói?

— Nada, Marússia. Isso sarará, meu coração, vai! Ele tomou sua mão.

— Como tua mão está fria! — exclamou ela.

— Não importa agora minha mão, queridinha. Apresate... Entrega o lenço... Vai por aqui... — disse ele tão convicto e sério que ela não ousou perguntar mais nada.

Ele queria afastar os ramos e não pôde. Esta fraqueza numa pessoa, que Marússia costumava ver como a encarnação de todas as forças físicas e morais, chocaram a menina. Ela empalideceu sobremaneira, mas cumprindo sagradamente sua vontade, nada disse.

Os braços de alguém, toscos e cheios de veias, próximos e laboriosos, de repente se estenderam e afastaram os ramos, como Marússia logo percebeu.

— Não temas, Marússia, — disse o zaporogo. — É um companheiro meu... Ele morde só estranhos... Não é verdade, Ivan?

— Certamente, é verdade, — respondeu um baixo profundo, e podia-se deduzir que o portador desta voz, querendo, era capaz de morder.

Em seguida, Marússia percebeu alto, acima da folhagem, uma pequena cabeça com face queimada de sol, bigodes claros e um par de olhos luminosos, e depois uma figura masculina compridíssima, que rapidamente ia à frente, preparando-lhes o caminho.

— Este é meu companheiro Ivan, — disse o zaporogo. — Vês como é: cresceu mais alto que os carvalhos na mata!

Ivan seguia à frente, algumas vezes parava olhando o companheiro, averiguando se não era necessário ajudá-lo, mas o zaporogo dizia-lhe então, cada vez:

— Vai, vai, em frente, Ivan!... Por que paraste? Queres colher flores na relva, ou procurar cogumelos?

E Ivan seguia avante.

Muito mais rápido do que esperava Marússia, saíram à beira da mata.

Deste lado, junto à bainha da floresta, começavam campos, e uma vereda estreita entre o trigo mourisco florescente, sobre o qual zunia um enxame de abelhas, levava para uma negra estrada de campo que em desvios regulares de longe parecia serpentear até uma vivenda cintilante no horizonte, cortando no caminho dois pequenos bosques.

— Vês, Marússia, o bosque, aquele último... Vai, minha querida, vai... Eis o lenço...

Ele lhe deu um lenço exatamente como aquele que ela levantou no vestíbulo da igreja e entregou à cunhada do ghetman.

Marússia pegou o lenço e quis partir, mas exclamou em voz baixa, parando.

O zaporogo, que colocou acariciando a mão na sua cabeça, de súbito vacilou e teria caído, se não tivesse sido amparado pelo companheiro Ivan.

— Sangue! Sangue! — exclamou Marússia com terror.

Sim, sangue fresco e quente encharcava o capote gasto do velho bandurista.

— Não importa, Marússia, — disse este. — Lembras do que nós falávamos? Não é aquele cossaco que nada a favor do rio e sim aquele que nada contra a correnteza... Isso vai sarar... Nós dois não saímos para colher framboesas... então, não devemos esperar coisas doces... Vai, minha querida... vai... amarra o lenço na cabeça...

— E tu? — perguntou Marússia, amarrando o lenço com mãos trêmulas, como ele aconselhou.

— Eu virei mais tarde, querida...

Ouviram-se tiros seguidos.

O companheiro Ivan escutou e disse:

— São eles!

— Vai, Marússia, vai... — repetiu o zaporogo.

Queria, como de costume, passar a mão pelos seus cabelos, mas a mão não se erguia.

Ele pronunciou apenas:

— Vai, Marússia, é preciso!

Ela foi.

— Pode-se olhar para trás? — pronunciou, como se se dirigisse ao companheiro ausente.

Olhou para trás.

Na beira da mata não havia mais ninguém. A floresta parecia uma parede de trançado verde.

Isso não a impediu de olhar outra vez.

No entanto, seguindo seu coração, não esquecia a causa que lhe tinha sido confiada e andava tão rapidamente quanto podia.

Eis o primeiro bosque, inteiramente inundado pelo carmesim do pôr do sol.

Quantas flores florescem e rescendem ali!

De novo campos, de novo trigo mourisco florescente, as abelhas zunindo em enxame. Perto trinou uma cordoniz.

Eis a pontezinha antes do bosque. Alguém corre velozmente atrás dela. É preciso olhar quem é, de onde vem.

Parece um tártaro. Uns assim encontravam às vezes nas estradas, escondendo-se ela e o zaporogo no fosso ou na cevada.

Esconder-se também, agora?

Ele se atira diretamente sobre a ponte. É preciso esconder-se nos juncos.

Mas ela nem teve tempo de dar um passo em direção ao denso caniçal, que crescia como uma escova gigantesca do lado da pontezinha ao longo do raso, transparente ribeiro: ouviu-se um tiro, e o lenço rubro caiu no caminho negro! . . . Este lenço, que só atraía pela sua cor, não era tão rico para tentar um ávido tártaro, pois este nem parou para pegá-lo e seguiu adiante como que ofuscado por uma vã esperança.

Depois que tudo tinha silenciado, saiu do bosque atrás da pontezinha um camponês com um machado e uns gravetos verdes nas costas; passando pela ponte, inclinou-se, voltou para si a face morta da criança, colocou a mão no seu peito, embaixo do qual apareceu uma poça de

sangue quente, depois disse: — Não, não reviverás! — e seguiu seu caminho.

No entanto, ele retirou o lenço rubro e o levou consigo.

*

Isso aconteceu há muito tempo, mas até hoje a um pequeno túmulo nos arredores daquela região chamam-no “túmulo da moça”.

Dizem que àquele túmulo ergueu com as próprias mãos, sozinho, um cossaco zaporogo.

Sociedade dos Amigos da Cultura Ucr  ina
Rua Brigadeiro Franco, 374
80.000 Curitiba, PR — BRASIL

Companhia Brasileira de Artes Gr  ficas
Rua Riachuelo, 128
Rio de Janeiro, RJ — BRASIL

Composto e Impresso na



Rio de Janeiro — RJ — Brasil

PRINTED IN BRAZIL

